



Dança no espelho

Christina Ramalho

Dança no espelho

e outros contos

2ª. edição

Christina Ramalho

Natal – LucGraf
2018

Título original. Dança no espelho e outros contos

© Copyright 2018 por Christina Ramalho

É permitida a reprodução desde que com indicação da referência bibliográfica.

Fotografia e projeto de capa: Christina Ramalho

FICHA CATALOGRÁFICA

Dança no espelho

e outros contos

2ª. edição

Christina Ramalho

Natal – LucGraf
2018

SUMÁRIO

Uma dança às avessas - Prefácio de Sylvia Cytrão – p. 6

Dança no espelho – p. 13

No rastro do Castro nu – p. 26

Fotografias a mesa – p.33

O calabouço – p. 51

A campainha – p. 55

A testemunha – p. 61

O dia seguinte – p.

O discurso de formatura – p. 69

Os mandamentos da professora Dolores – p. 75

O realejo – p. 83

A “excessão” – p. 87

Curso Superior de Formação de Seres Humanos – p. 93

Uma dança às avessas

Sylvia H. Cyntrão

O “espantoso” em *Dança no espelho e outros contos* – sendo um livro de contos – é a sua unidade. No entanto, numa primeira leitura impressionamo-nos, ao contrário, pela fragmentação, pela não-linearidade causada pelos signos das fontes alternativas – a que não estamos acostumados (nós, leitores de “Times New Romans’ e “Ariais..”) dos títulos , conclusões e epígrafes. Como bons leitores consumados e observadores “de todas as ordens”, somos levados a desconfiar deste recurso – óbvio-nem-tanto...desta – digamos – pista lúdica. A escritura envolvida com a cifragem causa um estranhamento instigante. Abrem-se, assim, de início, questões pertinentes à filosofia da linguagem em suas inúmeras faces. Tentaremos esse caminho como “porta de entrada” para o entendimento do que aqui de melhor temos, na trilha de Murilo Rubião e Clarice Lispector .

Passando por essa “porta” e adentrando a dimensão estrutural da construção ficcional, não me surpreendi com a conexão que é costurada, conto a conto, pela fina e delicada linha de homenagem à arte e aos artistas que perpassa os

enredos. A autora é , ela própria, uma multiartista: poeta, contista, ensaísta, pintora e fotógrafa . Artes nas mãos de uma mente que brilha.

Abre-se , portanto , a partir desse “multiolhar” , um ciclo facetado, é certo, mas uno, não fragmentado. Os personagens, submetidos a acontecimentos diversos e inusitados, nos levam a um mergulho, no processo associativo chamado de *deslocamento* por Lacan, no qual as energias mentais passam de uma idéia a outra que está ligada à primeira por associação, incorporando ao procedimento narrativo as idéias de contiguidade e de similaridade que nos comprovam a “fantástica” organicidade dos contos de Christina Ramalho. A estrutura da obra como um todo nos remete à noção que Gerard Genette (1979)¹ denominou de arquiteyto, ou seja, à relação de inclusão que une cada texto aos diversos tipos de discurso que esse texto revela. Podemos dizer, também, que a escritora nos apresenta heterotextos, com procedimentos técnicos que garantem a transposição, ou retorno, de um texto num outro texto.

Na dinâmica do real, de que fazem parte o mundo e o homem, cria-se, a partir de suas relações, uma estrutura de realidade que comporta uma dimensão objetiva do mundo e uma dimensão subjetiva do homem. A primeira apreendida

¹ GENETTE, Gérard. *Introduction à l'architexte*. Paris, 1979.

como expressão objetiva de valores codificados e a segunda apreendida como expressão da subjetividade individual. Ao processo literário, considerado como mimese da dinâmica do real, cabe criar o espaço e o personagem e os relacionar na construção da realidade ficcional. Tal realidade comporta, então, uma dimensão objetiva do espaço e uma dimensão subjetiva do personagem² (SILVA, 1984) A narrativa fantástica, a que Christina acaba se filiando primeiramente em *Dança no espelho*, resulta da interação do universo ficcional com outro universo lógico, de natureza desconhecida, e o acontecimento será o elemento provocador dessa intersecção, subordinando à sua lógica o espaço e o personagem. As ações ocorrem por si mesmas, independentes das lógicas significantes daqueles. Percebam a personagem Salomé, a pintura-viva do primeiro conto, que dá título ao livro. E, do mesmo conto, Charles e Dorian, que são totalmente desarticulados pela dinâmica estruturante do acontecimento: lugar do insólito. Está assim configurado o estado essencial da narrativa fantástica.

Existir seria uma estéril repetição, não fosse o sublime artístico que nos circunda, protegendo-nos do trágico inexorável. Mas o mito de Sísifo volta, na circularidade de seus atos. À falta de soluções para resolver o absurdo da condição humana, nos contos de *Dança no espelho* os personagens se

² SILVA, Anazildo Vasconcelos. *Semiotização Literária do Discurso*. R. J: Elo, 1984.

abismam pela perplexidade diante dos acontecimentos, sem possibilidade de articulação subjetiva própria, submetidos que são - sempre- à lógica dos acontecimentos. Estes personagens apresentam a “normalidade” determinista da condição humana. São a regra, não a exceção. Suas questões passam pelas dicotomias essenciais do homem, como vida e morte; indivíduo e sociedade; amor e incomunicabilidade. Trata-se de um processo que realoca os signos da cultura contemporânea dentro de novos parâmetros da linguagem, com o esvaziamento dos significados, nascendo desse processo um novo mundo dessemiotizável - concebível, mas irrealizável

Os personagens de Christina transitam num campo de estranhamento pela aglutinação de símbolos que resulta de uma lógica racional descontínua com espessas propriedades inconscientes. Como o mundo está “às avessas” (*...no espelho*), estranho, só há uma possibilidade de mobilidade neste mundo: a de que também o personagem aja às avessas. É, portanto, o estranho dentro do estranho. O personagem Álvaro e a fotografia que fala, em “Fotografia na mesa”. Leiam! Surpreendam-se! A personagem Dolores, professora da Veiga de Almeida e o discurso de paraninfo que “some” da folha.... Isso para citar apenas dois exemplos de personagens muito misteriosos, ou melhor, muito estranhos...

Abre-se, assim, para o leitor, um leque de assuntos recorrentes conto a conto. Mas os personagens de Cristina têm

um diferencial – eles anseiam por afeto, suas histórias explicitam tanto os temas da frustração de intenções, como da permanente busca do prazer inatingível, a começar pelo prazer buscado, a cada epígrafe, de “explicação”, com remissões a nomes como Bakhtin, Lacan, e a outras personalidades fundamentais e já clássicas da modernidade, cujas pesquisas e conclusões sobre o “sujeito” nos fizeram desvelar um “admirável mundo novo”, felizmente, despolarizando o cartesianismo.

Nos contos, as referências a Oscar Wilde, Baudelaire, Castro, Cecília, Clarice, Adélia, Macabéa, Barthes. Autores se misturam a personagens da literatura e expandem em seu *tempoespaço* a perspectiva temática: ora é a da sociedade, ora é a do indivíduo, mas sempre evidenciando o conflito indivíduo x sociedade, conflito este que se concentra na dicotomia conservação x “metamorfose que salva”.

Para além e aquém de contos do gênero “fantástico”, há contos do gênero policial, como “A campanha”, e outros, ainda, em que a mensagem explícita é a condição humana em um mundo humano desagregado, como no belo e pungente “Discurso de formatura” de Alfa Beta Silva Rössler. Remissão conceitual imediata, portanto, ao “mundo absurdo” cunhado por Sartre e Camus. Em verdade, absurdo não é o mundo, mas a confrontação de seu caráter irracional e do desejo de “luz” que está no mais fundo das preocupações humanas. É assim

que um Deus feminino, no mundo pós-moderno, resolve fazer seu “Curso superior de formação de seres humanos”, nome de um dos contos desse gênero. Clientela: a humanidade. O conto nos evidencia que o absurdo não está nem no homem nem no mundo, mas nas suas relações. Ele nasce desta antinomia.

Segundo Carlos Drummond de Andrade³ acerca da obra de Murilo Rubião “não há dúvida que essa arte exprime terrivelmente o nosso tempo.” Certamente, como Murilo, Christina, tendo usado materiais de composição estética, tanto formais como temáticos, que explicitam o caos, a indeterminação, a incoerência e a ilogicidade, nos apresenta, de dentro, uma aguda crítica à sociedade contemporânea. Assim, considero que há um “arquitema” que domina *Dança no espelho*: o da “comunicação”. Curioso observar, no entanto, que é este tema exatamente que cria a heterotextualidade “às avessas” entre o “absurdo” de Sartre⁴ e Albert Camus e o “fantástico” de Murilo e Christina, pois, se não há possibilidade de comunicação, seremos sempre “estranhos” para o outro, alimentando um círculo vicioso que apresenta o ser humano cada vez mais como estrangeiro em seu próprio mundo subjetivo.

Nas palavras de Sartre (1947) o absurdo é um “oásis” no mundo fantástico. *Dança no espelho e outros contos* é certamente um oásis mas também o seu oposto abismal.

³ Notícias literárias. Jornal Estado de Minas. 1975.

⁴ SARTRE, J. P. *Aminadab*. Ou du fantastique considéré comme un langage. *Situations I, essais critique*. Paris: Gallimard, 1947.

Círculo que se repete: em meio ao turbilhão do insólito há a possibilidade de seu reverso...

Εἰς τὴν εἰκόνα τοῦ ἀποχέου.
Τὸ ὅλον ἴσον ἀδελφὸν καὶ τὸ ἄδελφον ἴσον.

Camus, *O Estrangeiro*⁵⁶

⁵ CAMUS, Albert. *O estrangeiro*. S. P: Record, 1999.

⁶ “Eis a imagem deste processo. Tudo é verdade e nada é verdade.” (fonte symbol)

Retrato Número 1

Lia, completamente absorta.
Poder-se-ia dizer, pelo movimento contínuo dos olhos,
que *O retrato de Dorian Gray* lhe ditava um ritmo agudo de
leitura.
Na mesinha de cabeceira, *Flores do mal* e um livro de arte:
Gustave Moreau.
Entregue à leitura, despedia-se de si mesma.
A vida era monótona.
Solitária.

Dança no espelho

Dos cabelos de Dorian irradiavam ondas de luz ora amarela, ora doirada. E os olhos azuis, em frente ao espelho, tinham a docilidade das violetas e a aspereza do cacto. Como é estranho este meu amigo Dorian. Nunca sei se me olha com afeto ou com desdém. Gosto dele e da aura de mistério que envolve seu rosto, mas... Gostar traz consigo a relatividade das coisas e, na verdade, jamais sabemos se é do outro que gostamos ou se é do espelho que o outro carrega nos olhos. Nos olhos do outro, temos o consentimento para olharmos para nós mesmos. Gostar pode ser uma questão de espelho.

— Dorian, hoje vou chegar bem tarde. O escritório está lotado de papéis e eu estou me sentindo sufocado. Se não mergulhar no trabalho, vou ficar imerso na depressão por uns bons dias... Você não precisa trazer o jantar para mim... Como qualquer coisa por lá.

— Tudo bem, Charles. Estarei aqui na hora de sempre. Ah... Hoje vou visitar um colecionador que está disposto a me vender uma estranha tela de Gustave Moreau. Vi uma reprodução dessa tela há algum tempo e tê-la se tornou quase uma obsessão.

— Você é louco, Dorian! Comprar uma obra de arte não pode ser uma questão de obsessão. Ainda mais se considerarmos que o lixo é o soberano no reino das artes. Se eu

puddesse, iria com você. Hoje, porém, é impossível. Cuidado para não cair na lábria de um esportinho qualquer. Bem, mas..., como é o quadro?

— Ah... É uma linda mulher dançando. O rosto traz um não sei quê de languidez, mas o corpo..., o corpo enfeitiça, desvia o pensamento, leva o olhar para a viagem ao abismo. Falo de uma reprodução. Imagine o original. Salomé!

— Salomé! Salomé é um fetiche. Fetiche para os perversos. Só os perversos carregam a verdadeira face do homem, sem a escravidão da máscara. É... O quadro deve ser bom! Quando chegar, vou vê-lo e amanhã lhe dou meu parecer... Se é que você me permite...

— Ora, Charles, você bem sabe que eu admiro seu espírito crítico... Além do mais, nem sei se vou conseguir mesmo comprar a tela. Deixe-me ir. Bom dia, Charles...

— Tchou, Dorian! Boa sorte!

./...

Janela e cortina cerradas. Penumbra, cinzas e marrons. No canto da sala, uma poltrona, uma luminária grande, uma pequena mesa e muitos livros. No outro canto, outra poltrona, luminária, mesa e outros muitos livros. No terceiro canto, uma televisão jamais ligada, um vídeo-cassete jamais usado, um DVD e uma aparelhagem de som. Dorian só ouvia canto gregoriano. Charles, às vezes, ouvia clássicos, mas gostava mesmo era de blues. Sequer uma vez sentaram-se juntos naquela sala. Havia uma espécie de código. Com exceção da cozinha, onde jantavam sempre em silêncio, não compartilhavam qualquer cômodo da casa. Todos os dias, pela manhã, colocavam-se diante do grande espelho da sala e conversavam. Ali eram amigos. Só ali. Há sete anos.

À noite, regressando do trabalho, Dorian passava na casa da cozinheira, que diariamente preparava o jantar para Dorian e Charles. As outras refeições eram todas feitas na rua. Dorian gostava das misturas exóticas. Charles quase não comia. Mas tinha loucura por saladas. Parecia um coelho roendo cenouras e mais cenouras, folhas de todas as espécies e cores. À sua volta sempre se sentia um aroma de ervas. Gosto das ervas daninhas, dizia Charles.

./...

Ah, esses miseráveis! Esses homens são ervas daninhas... Como defendê-los? Será que ninguém vê que só eles possuem a real consciência do mundo? O escritório, abarrotado de processos, continha um homem em estado de transe. Sempre que permitia que o trabalho acumulasse, Charles ficava assim. Sua família jamais entendera aquela compulsão. Defensoria pública! Um nada! Dar o sangue por todos aqueles criminosos... Viver cercado por eles, buscando no absurdo uma voz de defesa... Um exercício de racionalidade! Era isso! Meu prazer advém da razão. Os crimes em si nada significam diante da revelação da natureza humana. Que somos todos nós senão pequenos e grandes criminosos? Que são nossos delitos senão partes de nós mesmos?

./...

Enquanto dirigia em direção à casa do colecionador, Dorian refazia na memória a imagem da tela desejada. E a mulher dançava e de seus lábios, quase inaudível, saía um apelo suave que embriagava ainda mais os sentidos de Dorian. Príncipe formoso... Assim ela o chamava. Assim ele se sentia.

Objeto do desejo de um objeto de desejo. Desejo, desejo, que sentido para a vida, senão desejar e ter? E ele queria a Salomé e seus véus, porque ela sabia que só ele poderia atender seu chamamento à eternidade.

./...

Na sala reinava uma atmosfera de encantamento. Assim que entrou, Charles percebeu que alguma coisa diferente havia ali penetrado. Foi tomado por um indecifrável sentimento de torpor. Tudo estava escuro. Dorian naquela noite não deixara aceso o abajur do canto, como era de costume. Charles sentiu um aroma doce abraçando-lhe os ombros, enlaçando-lhe as pernas, tomando seu corpo suave, mas ardentemente. Pegou o castiçal e, com a visão iluminada pela pequena chama da vela, viu, na parede em frente ao espelho, a imagem da mulher. Parou e contemplou-a. Linda! Traz consigo tudo o que a face escura da beleza possui. Ainda carregando o castiçal, aproximou-se do quadro. Nada se movia e tudo parecia mover-se. A boca era um sorriso que não sorria e os olhos um convite que não se traduzia. Linda! Que vontade de adormecer aqui mesmo nesta poltrona e deixar-me carregar pelos sonhos de Salomé. Aproximou as mãos da superfície da tela e quase tocava o corpo de Salomé, quando uma dor lancinante atingiu-lhe as mãos. No entanto, não tinha voz para gritar. Como se acordasse de um pesadelo, olhou fixamente para o quadro e correu para seu quarto, impressionado e confuso. Ficou só o castiçal iluminando a tela e a tomada do abajur, que jazia no chão, desligada da parede.

./...

Na manhã seguinte, Charles encontrou Dorian olhando para a imagem do quadro refletida no espelho. Seu semblante, enigmático como sempre, nada dizia. Nem admiração, nem indiferença. Que sentiria Dorian naquele instante? Por que Dorian era sempre assim, tão indecifrável?

— Bom dia, Dorian! Belíssimo quadro, belíssimo!

— Tinha certeza de que você gostaria do quadro. Fale-me mais...

— Bem, Dorian, a maior beleza dessa tela está naquilo que ela aprisiona. Há música. Há poesia nela. Como se a pintura pudesse avançar pela música e pela literatura, criando uma ponte efêmera por onde o olhar caminha deslumbrado e inseguro. É a realização do belo com todas as suas implicações. Diante dela, o sentimento se deforma, e perdemos os limites da existência humana. Parabéns, Dorian! Sua sensibilidade mais uma vez acertou. E desculpe-me pelo que disse em relação à sua obsessão.

—As palavras, Charles, têm pouco efeito sobre mim. Elas se perdem. A beleza, a verdadeira beleza, no entanto, dura para sempre, machuca para sempre, e é o melhor veneno. Coloquei o quadro naquela parede para duplicá-lo através do espelho. Salomé nos vigiará pela frente e pelas costas.

—Por falar nisso, você deixou a luz do abajur apagada ontem à noite. O que houve?

—Deixei?? Não sei. No afã de colocar o quadro na parede, devo ter me esquecido... Como você viu a tela na escuridão?

—Acendi uma vela.

—Ah... Está bem, Charles. Deixe-me ir. Até a noite!

—Dorian...

—O quê?...

—... Nada. Não é nada... Bom dia para você.

—Você não vai sair também?

—Vou, vou sim. Tenho que pegar uns papéis que esqueci no quarto.

—Sei... Tchau, Charles!

Dorian fechou a porta vagarosamente. Em seus olhos lia-se um pressentimento. Deu com os ombros e saiu.

Charles foi ao quarto, simulando o motivo do atraso. Que está havendo comigo? Parou novamente em frente ao espelho e viu quando Salomé, dançando, chamou por ele através do espelho. Virou-se em direção ao quadro e o chamamento cessou. Que loucura! Era uma loucura. À noite eu voltarei, Salomé. Eu voltarei.

./...

A partir daquela noite, Charles, ao voltar do trabalho, passou a encontrar Dorian, sentado na poltrona que ele mesmo, Dorian, havia mandado colocar no canto esquerdo da sala, e onde Charles jamais o havia visto se sentar. Dorian parecia um cão de guarda. Ficava impossível para Charles olhar mais do que durante alguns minutos para Salomé. Dorian jantava, como sempre, ao lado de Charles, e, silenciosamente, voltava para a poltrona e esperava Charles dormir. Em seu quarto, Charles angustiava-se com a atitude do amigo. Que saberia Dorian?

./...

As conversas matinais, aos poucos, perderam lugar para um diálogo abreviado, mera troca de cumprimentos. No entanto, os olhos de Dorian falavam uma linguagem que Charles conhecia, embora não soubesse exatamente de onde. Depois da despedida, Charles dirigiu-se para o escritório, sem parar de pensar em Salomé, em Dorian e no poder de transformação que o espelho parecia ter. Os olhos! De repente, recordou-se. Eram os mesmos olhos dos criminosos que Charles defendia. A crueldade se expunha e brincava de provocar o medo. Mas Charles nunca sentia medo. A deformidade, para ele, sempre estivera relacionada ao belo. Gostaria de ter o dom da pintura. Tivesse-o e retrataria todos aqueles criminosos, extraindo deles a força dramática da crueldade. Crueldade... Os olhos de Dorian eram cruéis. Doces olhos cruéis. Bobagem, Charles! Pura bobagem!

./...

Eram duas horas da madrugada, quando Charles resolveu ir até a sala para ver Salomé. Precisava vê-la. Sentir novamente sua dança sensual envolvendo-o, enchendo-o daquele torpor, invadindo sua alma, desvelando seu ser. Precisava vê-la. Caminhou lentamente até a porta do quarto, abriu-a silenciosamente, cuidando para que Dorian não percebesse sua presença. Já podia sentir o aroma doce circulando pelo corredor. Em passos lentos, chegou à porta que conduzia à sala. Na tela, Salomé, imóvel em sua dança, nada traduzia. Não havia qualquer sinal de vida. Decepcionado, Charles voltou os olhos para o espelho e, abaixo deste, na mesinha, surpreendeu-se ao notar o castiçal. Da vela emana uma luz azulada e suave. Charles andou até o espelho e, de frente para ele, mal conteve um grito de horror. A imagem

refletida do quadro mostrava Salomé e Dorian juntos, dançando sensualmente, beijando-se e abraçando-se. Charles podia ouvir a estranha música que envolvia seus corpos nus, e, também envolvido por ela, entregou-se à contemplação do casal, ciente de que aquela cumplicidade inesperada poderia ser descoberta a qualquer instante. Queria mover-se, mas não conseguia. Virou o rosto em direção ao quadro e, novamente, deparou-se com a imagem estática de Salomé. Num relance, encheu-se de forças e arrastou-se até o corredor, fugindo do absurdo que se instaurara naquela sala. Ao sair, derrubou com a mão o castiçal, sem perceber a vela apagando-se no choque com o chão. Dorian, adormecido na poltrona da sala, abriu os olhos e ainda pôde sentir um perfume de ervas correndo pela sala.

./...

Onde estaria Dorian? Nunca, até então, ele deixara de estar presente na sala pela manhã. Charles, ansioso pelo novo acontecimento – a ausência de Dorian – mal teve tempo de prestar atenção em sua imagem refletida no espelho. Aquele homem, que se via no espelho, não era o mesmo da noite anterior. O rosto, marcado por um envelhecimento repentino, guardava rugas em torno dos olhos e da boca. Parecia vinte anos mais velho. Porém, no instante em que se deu conta do que lhe acontecera, Charles, aterrorizado, apalpou vigorosamente o próprio rosto, como se buscasse desmascarar a alucinação de que deveria estar sendo vítima. Sentindo a pele lisa como sempre, tranqüilizou-se e fugiu para o trabalho.

./...

As noites agora eram marcadas pela música e pelo aroma que vinham da sala para perturbar o sono de Charles. Ele sabia o que estava acontecendo, porém não tinha forças para fugir daquela casa. Precisava ver Salomé, ainda que imóvel na tela, todas as manhãs. Quisera ele estar no lugar de Dorian, dançando com ela, abraçando seu corpo sensual, sentindo de perto seu cheiro, tocando sua beleza. Qual será a chave para penetrar naquele mundo? Quero descobrir, mas como? Dorian é um cão de guarda. Apossou-se de Salomé. Mas Salomé ainda me chama. Ela me quer. Eu a quero. Sinto minhas forças se esvaindo e caminhando em direção a ela. Linda Salomé, que segredos você esconde em sua beleza?

./...

Nunca mais Charles conseguiu ver a própria face no espelho. Embora esfregasse as mãos freneticamente no rosto, constatando a pele lisa, o que via era a imagem de um homem cada vez mais envelhecido. Há muito não se encontrava mais com Dorian pela manhã. Apenas jantavam em silêncio. O quadro, na parede, conservava a imobilidade de sempre. Mas pelo espelho, Charles ainda podia ouvir a voz melodiosa de Salomé chamando-o. Seduzido, Charles tentara invadir a sala durante a madrugada, entretanto, a única coisa que conseguia era ser novamente testemunha do amor de Dorian e Salomé. O desespero começou a tomar conta de Charles. Algo teria que ser feito.

./...

Surpreso, Charles viu Dorian esperando por ele em frente ao espelho. Antes que se aproximasse, Dorian disse:

— Bom dia, Charles. Desculpe-me por ter estado ausente nestas últimas manhãs. A partir de hoje, estarei aqui novamente. Olhe, não está linda a nossa Salomé?

Charles encaminhou-se até o espelho e pôde ver a maravilhosa figura de Salomé, o belo rosto de Dorian e a criatura horrenda em que ele, Charles, havia se transformado. Dorian ria quase que ingenuamente, como se nada pudesse ver. Estaria ou não vendo a sua deformidade?

— Deixo-o com Salomé, Charles. Estou atrasado.

./...

Era tarde. Dorian abriu a porta da casa sabendo que, a partir daquele dia, teria finalmente a posse definitiva de seu objeto de desejo. Nem pareceu se importar com a figura de Charles, estatelada na poltrona. Acendeu a vela, embriagou-se com a luz azul e, olhando em direção ao espelho, buscou Salomé.

./...

O policial, após várias tentativas de entrar na casa, resolveu arrombar a porta. O vizinho ouvira um barulho. Ah, esses vizinhos que vivem a ouvir barulhos... Mas, há três dias vinha tentando encontrar alguém em casa e nada! Bem, no máximo os moradores deveriam estar ausentes, viajando ou sei lá o quê. Vou arrombar. Depois me desculpo, se for o caso.

A cena que encontrou confirmou o que o vizinho havia dito. Um grande espelho jazia estilhaçado no chão. Este era o motivo do barulho! Mas... o que era aquilo? E, num canto da sala, o policial viu um homem muito idoso, estatelado na poltrona, cheirando a ervas e morto. No chão, ao lado da

poltrona, um livro de poesias aberto, com os versos sublinhados *Recepções de cerimônia que dá a morte:/ o morto, vestido para um ato inaugural;/ e ambiguamente: com a roupa do orador/ e a da estátua que se vai inaugurar./ No caixão, meio caixão meio pedestal,/ o morto mais se inaugura do que morre;/ e duplamente: ora sua própria estátua/ ora seu próprio vivo, em dia de posse.* Na televisão, ligada, um filme antigo. Na parede, dois quadros que retratavam a mesma mulher. No primeiro, ela dançava. Mulher linda e sensual. No segundo, carregava, em uma bandeja, a cabeça de um homem loiro, de olhos azuis, espetados.

O policial lacrou a casa e correu em busca de um rabeção.

///

Retrato Número 2

Ajeitou os travesseiros. Recostou-se melhor.
Fechou os olhos e deixou que os versos lhe falassem baixinho.
Havia em *Espumas flutuantes* algo que lhe soava com um
romance velado.
O pensamento girou em outra direção.
Jamais encontraria homens como o Castro. Nem ela nem
qualquer outra.
O aviso do computador sobre mensagens recém-chegadas
ratificou tudo.
E sentiu um gosto de sal na boca,
embora lábios e língua ansiassem por doce.

No rastro do Castro nu

*Em teus olhos este farol escurece mar e melodia
mas na espuma sou um naufrago do sol
flutuando em sonho
a força do dia.
Eu te quero,
Castro...*

./...

Tchau, Teresa! Vou ao mar! Vou buscar a flutuante certeza do homem que aprendi a amar. Quero o Castro! Quero o Castro... Nu, como aos meus olhos ele sempre está. Vou lançar-me em ondas, em desalinhos, em braçadas longas, até achar! Quero o Castro. Quero o Castro! Vou nadar... Tchau, Teresa! Tchau, amiga! A espuma que me chama é minha trilha. E se o Castro (nu) eu encontrar, pode deixar, eu mando um aviso. Você vai saber. Todos vão saber. Nem que eu nade até morrer, encontro o Castro, você vai ver! Tchau, Teresa! Tchau, amiga! Adeus!

Foi a última vez que vi Teresa.

./...

Era por uma dessas tardes em que o céu parece ter olhos e a terra é como o inseto friorento dentro da flor azul do ocular firmamento, cujo cálix pendeu. E assim estava eu:

friorenta como a areia molhada sob meus pés, trêmula, pálida, aventureira errante, como um inseto prestes a desafiar a morte emergente, disposta a viajar até ser encontrada pelo rumo e lá, no mar de amor onde vagam meus desejos, voltar a ter o homem que aprendi a amar. *Quero o Castro. Quero o Castro.* Assim vinha o pensamento e me levava até onde as vagas nas areias rolam, esperando o corpo mergulhar. Com a alma ainda presa à forma vacilante das montanhas, estremei o olhar buscando teu vulto no distante das águas...Era hora de entrar!

E por que não? Da tarde, no frouxo véu, revolviam a mente as confidências ternas que fiz à Teresa. Olhei em torno a mim... Tudo deserto. Deserto o coração, sem o Castro. E o mar era oásis. Vem, Castro, vem que minha alma delira! Baixas do céu num vôo harmonioso...Minh'alma é uma andorinha pronta ao beijo delicioso. Quem, por acaso, não sonha quando o sol declina? Na onda azul do mar, com um dedo sobre os lábios no vôo silencioso, não é a ti que vejo, cauteloso, no espaço a viajar? Quem não sonha, por acaso, quando o sol declina?

Qual Moema, desgrenhada, mas altiva, cabelo preso em laço de fita, lancei-me ao mar. Deus acompanhe a peregrina audaz! Pele fria, água fria, corpo e mar nus. Tudo combinava. E nas braçadas (*Quero o Castro...*) e nas pernadas (*Quero o Castro!*), o que me movia era o firme propósito de marchar com os ventos, boiar à tona das espumas, colar meus beijos na boca fria do oceano e procurar. Tudo estava deserto, mas houvesse quem contemplasse a tarde, veria a mulher nadando, em ritmo forte, sem sentir o tempo passar. Era como Vênus a se elevar das vagas, enchendo de amor o azul dos céus, levando a paixão pelo mar. *Ah, como te quero, Castro! Como te quero nu sob meus olhos agora tão marítimos. Ah, como quero...como quero...como quero...*

Às seis horas, sem sabê-las quantas eram, cansou. E boiou como se deitando em verde lençol largo e extenso, pedaço roto do infinito. Mas na amplidão, seu corpo era pequeno trapo, bandeira de ilusão... *Nunca conheci ninguém como o Castro*. Bom pensamento para se boiar em águas poentes que dizem adeus ao dia, mas não dizem adeus ao sonho. Meu corpo flutuava manso como se pedisse uma pérola à maré montante, porque outro amor não poderia pedir. Jamais nadaria por qualquer outro. Quanto desejo de amor pousava puro em meu peito navegante... E das espumas flutuantes, vi nascerem nuvens, nuvens que, espumando o firmamento, desenhavam teu vulto, fazendo-me rir como um broto que nasce em maio e é feliz. Vi, na nuvem mais cinzenta, um Adamastor de granito com a testa roçando o infinito e com a barba molhando o mar. E para teu vulto gritei: Castro, olha lá! Quando eu serenava, o vulto parecia que vinha e me beijava, mas quando eu tentava beijá-lo, o vulto fugia. *Quero..., quero..., te quero, Castro...* E minha alma ardente para o céu marchava, em novas e vigorosas braçadas, só pra te buscar. Adeus, tarde. Oi, estrela. *Oh, meu amante, onde estás? Ó, sono! Doce influência amiga!*

./...

A solidão subia do oceano, trazendo a noite, gelando as águas. E como Suzana, a estremecer de frio, a mulher nadava vagarosa. *Ah, Castro, embalde às solidões, manda um grito! Eu te quero, Castro. Eu te quero. Nu, como sempre estás aos meus olhos...* De repente as estrelas que acordavam do fundo do mar, brilhavam no curso audaz das minhas constelações de idéias. Eu sei que vou morrer! Dentro do meu peito um mal terrível me devora a vida... Há tempestade nestas estrelas... E quando eu

chorava, nenhum eco respondia (*Ah, Castro, que nessa hora tu fazias?*). E quando eu tímida ainda sorria, a tempestade além bramava. Fiquei ali, nadando entre estrelas e tempestade. Mas como morrer de frio, quando o peito é brasa? *Quero o Castro! Quero o Castro. Quero...* Cerca-me o gelo, a morte, a indiferença.. E são lavas lá dentro o coração. *Quero de volta o homem que aprendi a amar.*

O mar revoltou-se em ondas terríveis e se fez a luta da mulher com o mar, do sonho com a morte. Mas a tormenta afogou nos seus negros a luz da inspiração. E a mulher não mais nadou. Boiou sobre as ondas do sepulcro, ouvindo o duelo da treva e do clarão. Eu boiava de medo sob as gigantescas ondas da tempestade, enquanto as lívidas marés atiravam, a meus olhos, cadáveres que riam à face das poucas estrelas que ainda resistiam ao negro da treva. Não tinha mais forças. Meu corpo gelado resistia e afundava, respirando a borrasca do largo pulmão daquela noite de horrores! *QUERO O CASTRO! QUERO O CASTRO! QUERO O CASTRO!* Mas o pó da catequese aos quatro ventos uivava nos céus e eu era só mais uma das almas angustiadas, que como águias desaninhadas, gemendo, voam no ar. E sentia arrastar-me um adeus em voz sombria. Era a razão que me fugia na noite fria! E como o cacto, desabrochou em mim o medo. *Ó, Castro, és a glória, talvez! Talvez a morte!*

Era meia-noite e rugindo passava a triste ventania. Mas, no ar, baixinho, ainda se ouvia: *quero o Castro quero o Castro quero o Castro*. Em fraca voz, eu ainda trocava frases com os trovões no espaço, com os raios e os astros dos sombrios céus. Bem sabia que, a qualquer instante, o vendaval da noite no mar me lançaria em gelada areia, sentenciada a morrer sem voltar a ter o homem na nudez que aprendi a amar. De onde brotar qualquer esperança? Do oceano, esse dédalo insondável? Do

coração, este profundo abismo? Quisera ser a esposa do porvir, a noiva do sol... *Quero o Castro. Quero o Castro. Quero o Castro.*

O mundo fez-se um vácuo. Era quase madrugada e a tormenta além rugia. Lento expirava no mar profundo o sonho da mulher. Por túmulo, o peito do vasto universo. Por cúpula, as conchas azuis. Se voz havia, só ela ouvia. Tudo estava deserto. Ninguém saberia. O escuro da noite velava a visão. Os gritos da tormenta velavam o som. E as espumas que foram nuvens, eram névoas entre as quais o espaço se escondia.

Quem fez a noite - negra, inventa a clara estrela da manhã! Ó, sol, noivo das regiões divinas, suspende um pouco de luz neste horizonte!

./...

Vive a estátua! Na boca treme um beijo, nos seios treme amor! E as brancas ossadas são colunas arrojadas dos infinitos azuis. A mulher envolta em névoa, clara como toda luz é clara, passeia o sorriso e marcha, marcha no itinerário sem termo do existir, para encontrar os meteoros ruivos da manhã! No sorriso, uma aurora, que o horizonte enrubesceu. Nos beijos de fogo, vida!

Sinto as asas de um arcanjo errante voando meu ser em luzes de festa. *Quero o Castro. Quero o Castro. Nu, como sempre estive!* E fantasmas adorados, visões sutis e brancas, levam-me pela espuma, que vira escuna em procissão. O sol me serve de pena de ouro e eu escrevo nas lâminas do céu o teu nome: Castro. E os anjos de amor do meu passado desfilando vão carregando a pétala celeste que abre a fantasia e leva o coração morto de volta ao ninho! CASTRO! É teu nome!... Escuta.. É um grito, que lacerante para o céu se eleva. E, em resposta, ouvi nas ondas do pensamento a voz nua do homem

amado a brotar dos mais doidos sonhos: *Guarda-me, ó bela, no teu seio quente! Sou teu Romeu...teu lânguido poeta! Alcança-me no oceano de pensamentos que tu agitas com a mão! Com raios de sol, escreves meu nome, com raios de sol penetro em ti.*

Nu, como sempre estive, quero a ti!

///

Retrato Número 3

Máiquel. Que homem era aquele?
Fechou *O matador*. Nada sabia do mesmo do mundo.
Balançou a cadeira e espiou pela janela.
O céu estava azul, e a manhã, repleta de vida.
Sentia, contudo, um gosto de morte impregnado em suas
roupas.
Pensou. Às vezes, a morte traz muitos sinais.
Mas somos todos surdos e cegos.
Insensíveis.
Buscou *O evangelho segundo o Espiritismo*. Há muito não lia
Kardec.
Voltou para a cadeira de balanço,
Lá fora, alguns passarinhos brincavam de viver.

Fotografias na mesa

Álvaro chegou a casa tirando o paletó, afrouxando a gravata e abrindo a porta com o mesmo ar cansado de todas as noites. Jogou a pasta no sofá e deu uma olhada ao redor da sala. É, essa empregada até que é das boas! Gostoso este cheirinho de limpo... Foi até a cozinha, deu uma espiada no fogão... Fome! Um franguinho, arroz, purê, feijão fresquinho... É, tá bom! Abriu a geladeira... Pudim! É, tá ótimo! Vou tomar uma ducha pra ver se me alivio. Eh, dia duro. O que é isso? Ih, acho que a Maria esqueceu essas fotos... Não vou nem ver. Ou vejo? Ih, foto de criança recém-nascida... Eh, saco! Essa gente tem mania de fotografar bebezinhos que sequer têm um rosto decente. Sempre a mesma cara... Deixa eu ver... É um menino. Mas não deve ser filho dela. É bem branquinho. Gordinho. Simpático. É isso aí, meninão! Este mundo está cheio de mulheres pra gente. Veja lá se não vai desviar da rota, hein? Nossa, enrolaram tanto o guri que mal dá pra ver a cara do moleque. Olha, garoto, pelo menos não vá ser menino de rua. Veja se estuda. Veja se não se envolve com drogas... Ah, dane-se! Adianta falar com essa molecada? Ih, tá rindo nesta aqui. Bochechudo, caramba! Gostei de você. Vê se se cuida! Pegou a caneta, deixou um bilhete para Maria. Maria, você esqueceu estas fotos aqui. Quem é o garoto? Entrou no banho. Triimm. Triimm. Eh, saco! Telefone agora? Alô? ... Oi, oi. Estou todo molhado. Estava no banho. Não dá pra ligar depois? Tá, tá

bom... Liga depois. Voltou correndo para a sala. Viu, garotão, mulher é isso: se deixar pega legal no pé da gente. Deixou o telefone tocar algumas vezes. É melhor agüentar essa barulheira do que aturar a Carminha falando, falando... O que essa mulher quer? Pô, já disse que preciso de um tempo. Ela não me dá tempo nem pra respirar, quanto mais pra pensar. Saco!

./...

Jogou a pasta no sofá. Ué, as fotos ainda estão lá? Doutor Álvaro, que fotos? Num sei di nada. Maria. Que fotos? Olha as fotos aqui. Será que essa Maria é cega? Pegou as fotos. É, garotão, deixaram você aqui mais um dia. Ué, que fotos são estas? Ah, estão de brincadeira comigo? Já sei... A Maria deve estar procurando um padrinho pro menino. Devo ter cara de trouxa. Só pode ser! Puxa, garoto, como você cresceu! Que festa lhe fizeram, hein? Essa gente gasta o que não tem com essas festinhas de criança. Vê lá que coisa! Pra que tanta bobagem? Com um ano o infeliz não entende nada disso. Olha só, nem sabe assoprar uma vela. Caramba, só dá ele. Não tem convidado na sua festa não, meu chapa? Como é que você deixou enfiarem essa roupa de marinheiro em você? Minha avó é que gostava dessas coisas. Você tem avó? Deve ter. Tem cara de netinho da vovó. Um bobão. Nem precisa de padrinho. Devo ter cara de trouxa mesmo. Um garoto todo enfeitadinho. Pra que padrinho, meu Deus? Só se for pra colocar o menino nos trilhos. Ó, meu chapa, o negócio é ter personalidade. Mandar ver. Olha, tô de olho num mulherão... Começou esta semana lá na empresa. Que bunda, filho. Deve malhar em academia. E o perfume? Coisa boa. Já me deu umas olhadas. Garoto, homem pra se dar bem na vida tem que pegar leve. A mulherada está

muito independente. Não quer saber de bobão. Nem de babão... Triimm. Triimm. Ih, deve ser a dita cuja. Esquece o que eu falei sobre independência, meu chapa! Oi. Eu. Tudo. Não. Tô cansado. Dá um tempo, Carminha. Sábado? É, pode ser. Tá. Tá. Um beijo. Pois é, garoto, esquece tudo o que eu lhe disse. Mulher não tem jeito mesmo. Quer sinceridade. Você é sincero. Fui sincero. Achava mesmo que ela fosse a mulher da minha vida. Queria sinceridade. Fui. Mas as coisas às vezes mudam, e mulher parece que não compreende as mudanças que a vida traz. Achei que era. Falei. Mas mudei depois. E daí? Também, com aquela mania de dar palpite em tudo, querer me ensinar a fazer o que já estava macaco de saber fazer... Sei lá. Isso vai enchendo o saco. Vai te desestimulando... e , de repente, a gata já não parece ser tão legal, tão perfeita para você quanto parecera antes. Querem sinceridade. Aí você diz - Tô confuso. Pronto! Aí elas explodem. Buumm! Poxa, você disse que me amava. Que eu era tudo para você. Que eu era a mulher da sua vida... Era mesmo, pomba! Só não é mais. Pronto. Não dá pra entender? Não, meu chapa, não dá. Então vem aquele chororô danado, aquele ar de sofrimento que te deixa louco de arrependimento. Pô, por que eu fui falar tanta coisa? Tá vendo como não dá pra ser sincero? A gente tem que ir devagar. Falar o menos possível. Mas, às vezes, né, cara?, a gata é maravilhosa demais. Dá vontade de dizer tudo. De dar tudo. De entrar de cabeça. Por isso, meninão, cuidado, muito cuidado com a língua... Senão acaba tendo que agüentar esse inferno. O telefone vira sinônimo de chateação. A gente se vê andando com o fio do telefone enrolado nos tornozelos, nos pulsos. Algemas. É isso que nossas palavras nos criam. Você tá vendo que não quero ser grosso, mas... A Carminha já tá passando dos limites. Você acha que eu vou perder um sábado por causa de um papo desses? Ah, não! Sexta à noite eu sumo. Acho que

assim ela acaba desistindo... E aí, cara, como é que fica a nossa história? Se a Maria acha que vou te batizar... acho melhor desistir. Um aninho. Vem cá, você já deveria ter sido batizado, não acha? Bem, deveria é modo de dizer, porque eu mesmo nem me lembro mais de quem sou afilhado. Era isso que aconteceria se eu batizasse você. Primeiro uns presentinhos pra fazer presença. Um trocado de vez em quando pra ajudar nas despesas. Às festinhas você sabe que eu não iria mesmo. Festa de criança, nem quando a mãe do aniversariante é um avião sem pista pra pouso! Viu como não daria certo? Madrinha já é outra coisa... Você sabe, né?, mulher tem aquele carinho especial com criança. Gosta desse negócio de batizado. Minha madrinha até hoje me manda um presente no meu aniversário. Nunca deu pra conversar muito com ela, mas até que eu gosto dela. Era muito amiga da minha mãe. Não, não estou falando de segunda mãe, essas besteiras... É que ela me faz lembrar minha mãe. Sei lá o que é. Pode ser o sorriso, os braços roliços... Braços roliços... Vê lá se você sabe que são braços roliços!... Braços gordinhos, tá legal? Poeta é que gosta dessa coisa de braços roliços. Aliás você é bem rolicinho, hein, meu chapa? Seu ex futuro padrinho aqui malha todos os dias. É legal olhar pro espelho e ver o peito inchado de músculos, sentir a barriga dura, trabalhada. Já lhe disse que a competição é grande. Bem, vou dormir cara. Vou deixar outro bilhetinho pra ver se a Maria se manca.

./...

Doutor Álvaro, o senhor deve di tá enganado. Eu num tô sabendo di foto nenhuma. Dexe os bifes no forno. Maria. Jogou a pasta no sofá. Ah, mais fotos e um bilhete. Agora ela deve dizer o que está querendo. Leu o bilhete. Caramba! Que loucura

é esta? Pô, cara, você já tem uns cinco anos nesta foto. Que isso? Será que não é coisa da Maria mesmo? Já sei. Deve ser algum amigo meu engraçadinho. Deve estar dando uma graninha pra pobre não me dizer nada. Menino, que pinta, hein? Já sabe até andar de bicicleta. Quem lhe deu? Seu padrinho? E já vai pra escola... Sem essa de merendeira, cara! Será que ninguém tem uma grana pra lhe dar? Não tinha coisa pior que chegar na escola com aquela merendeira humilhante. Meus colegas tomando refrigerante, comendo batatas fritas, e eu, com aquele café com leite e pão com queijo entalados na garganta. E você, também tem uma supermãe? Deve ter. Com essa merendeira aí... deve saber bem do que eu estou falando. Pior ainda era ver os colegas indo embora de condução, enquanto lá no portão da escola tua avó te acenava e ainda te lascava o maior beijo na frente de todo mundo. Depois... vai se livrar do apelido de mariquinhas...! É, mas minha avó até que fazia uns doces legais. Era também muito alegre e falante. Meu avô, não. Meu avô era sério. Vivia quieto, no canto dele. Quando a gente fazia alguma coisa errada, ele só olhava. Mas não era um olhar de reprovação ou de irritação, era um olhar manso, de quem sabia que a força do tempo na natureza humana promove mudanças das quais ninguém pode fugir. O menino levado de hoje é o adolescente confuso de amanhã e o adulto cheio de problemas de depois de amanhã. Meu avô era assim. Uma vez eu e ele fomos pescar. Ele costumava pescar sempre sozinho. Naquele dia, porém, creio ter merecido alguma promoção, sei lá... De repente ele me chamou. Álvaro, você vai pescar comigo amanhã de madrugada. Tá vendo como ele era? Sabia que não precisaria perguntar ou convidar. Então, ordenou e pronto! Quando saímos, o céu ainda estava escuro. Nenhuma palavra. Só as varas, iscas e o pensamento distante. Fiquei sabendo que meu avô gostava de pescar sentado nas

pedras da Urca. Sentamos. Ele colocou seu boné mostarda, mostrou como se prendia a isca e mais nada. Nem uma palavra. Mas eu me sentia o garoto mais importante do Rio de Janeiro. Às vezes olhava timidamente para o rosto do meu avô. É, cara, um homem que fala pouco parece bem melhor que todos os outros. Eu falo demais... Falo tanto que estou aqui conversando com você... Puxa, cara, você vai continuar crescendo todos os dias aqui na minha mesa? Quem é você? Trimm. Trimm. Trimm. Lá vem ela, garoto. Oi. De novo, Carminha? Você me viu? Onde? No Fina Massa? Ué, não posso mais almoçar, Carminha? Olha, acho melhor a gente se afastar por uns tempos. Você não pode ficar me vigiando. Dá um tempo. Uma semana. Uma semana e a gente conversa pra valer, ok? Tá... vou pensar. Gosto... gosto de você, sim, mas... Tá. Tá. Tá vendo, Carminha, você não pára de cobrar coisas. Uma semana. Uma semana e a gente se encontra aqui em casa. Isso. Quarta que vem, à noite. Eu esperarei por você. Ufa! É, vou ter que pensar num jeito de resolver esse caso agudo de grude! Viu, chapinha, não esqueça... Fale o menos possível, que nem meu avô. Puxa, não é que a bandida me seguiu? Se ela soubesse que ando amarrado naquela colega de trabalho. Ih... Acho que teria entrado no restaurante e armado um barraco. Dá pra dormir tranquilo? Tchou, garoto. Vou esquecer essa história de querer saber quem você é. Fique aí na mesa. Tudo bem!

./...

Álvaro correu direto para perto da mesa assim que chegou a casa. As mãos procuraram o álbum de fotos, cheias de curiosidade. Que legal! Caramba, amigo! Você é mesmo um garotão bonito! Gostei dessa camiseta! Já se livrou da super proteção? Nossa, já mexe com computador! Deve ter uns dez

anos, né? Que isso? Lendo jornal? Bacana... Sabe que quando eu tinha mais ou menos a sua idade também gostava de ler? Tudo bem que o que lia mesmo eram os quadrinhos, mas... Ah, você joga futebol? Esse uniforme eu não estou reconhecendo. Por que você está sempre sozinho? Não tem amigos? Eu tinha muitos. Um deles, o Zeca, morreu no ano passado. Éramos amigos desde a infância. O Zeca adorava andar escondido pela vizinhança tocando as campainhas e saindo em disparada. Depois, ficava de longe olhando a cara das pessoas. Um dia, a vizinha mais bonita da rua abriu a porta de camisola. Eu estava com o Zeca. Cara..., a gente ficou de queixo caído. Aos dez anos, ver um mulherão daqueles de camisola foi um presentão! No dia seguinte, o Zeca tocou novamente a campainha dela. E você não pode imaginar... Ficou lá, estatelado e segurando umas margaridinhas nas mãos! Só que ninguém abriu a porta. A vizinha tinha saído! Olha, moleque, eu rolei na grama de tanto rir... O Zeca era um romântico. Sempre foi. Taí, se ele estivesse vivo, despachava a Carminha pra casa dele. Ela bem que iria gostar daquela mania que ele tinha de enviar flores, ficar com os olhos úmidos quando ouvia uma música mais romântica, encher-se de perfume e de sorrisos toda vez que ia ao encontro de uma namorada. O Zeca era assim. Sabe, às vezes eu gostaria de ser assim também. Mas tenho um coração duro. Sei lá... Eu me canso de todos esses rituais do amor. O Zeca morreu num acidente. Deixou todo mundo arrasado. Espero que você também tenha um amigo como o Zeca. A gente pode não ser lá muito sensível, mas um amigo assim faz a gente parecer melhor. Foi isso que a Carminha não entendeu. Pô, jogar um futebol com amigos, tomar uma cervejinha, aquelas coisas que um homem gosta de fazer, são coisas importantes. Ela achava que meu tempo tinha que ser dela integralmente. Uma saidinha já era motivo pra briga. Tenho ou não tenho razão?

Tudo bem que eu também não gostava muito quando ela precisava viajar a trabalho... Mas não é a mesma coisa. Ficava preocupado com ela no meio daquele monte de advogados, sozinha, parecendo cão sem dono. Ih, peguei pesado agora! Deixa pra lá essa história de Carminha... Que foto é essa? Ah, não! Você também coleciona chaveiros? Cara, sou louco por chaveiros! Coleciono há anos. Se você visse um que tenho... Marilyn Monroe com o vestido esvoaçante. Em chaveiro! É isso aí! Em chaveiro! E aquele com a foto do Fidel? Pendurei um do lado do outro. Tenho uma coleção de chaveiros refrigerantes. Não ria de mim! Tá pensando que sou velho, é? Grapete, fanta laranja, crush, pepsi, coca... um montão. Cafona, por quê? Bem... acho que é meio cafona mesmo. Mas eu gosto deles. Me lembram minha infância. Se você pudesse ver meus chaveiros talvez entendesse minha paixão por eles... Vou jantar. Deixa eu ver o que a Maria preparou. Empadão! Pelo visto você não é muito de comer... Quer saber de uma coisa: tchau! Trimm. Trimm... É, é o Álvaro, sim! Quem? Dona Constança? Ah... Oi. Eu e a Carminha? Nada, nada... Só estamos dando um tempinho pra clarear as idéias. Não, dona Constança, não estou magoando ninguém... Na próxima quarta vamos conversar. Tá, eu não conto pra ela, pode deixar. Tudo bem, dona Constança, não estou chateado. É sua filha, eu sei, eu sei... Tá. Um abraço, dona Constança. Tchau. E você? Tá rindo nessa foto, por quê? Uffa... Que dor de cabeça! Tchau, carinha. Se estiver vivo amanhã, até amanhã!

./...

Entrou dançando em casa... Afrouxou a gravata com a mão direita, enquanto a esquerda, na extremidade do braço erguido, parecia saudar a platéia de uma grande avenida.

Cantou um sambinha e se jogou no sofá. Ficou ali, sorriso meio abobalhado, sem querer fazer mais nada, a não ser recordar. De repente, olhou em direção à mesa e viu o álbum de fotos. Levantou-se correndo, pegou as fotos e deu uma gargalhada. Ah, meu chapa, acho que você já vai poder me compreender. Tá com essa pose de surfista, crente que tá abafando, né? Mas quem abafou hoje fui eu. Ganhei uma concorrência no escritório e comemorei adivinhe com quem? Adivinhe fazendo o quê? Pois é, meu camaradinho... Você aí, posando de surfista, todo cheio de músculos e eu aqui, exercitando os meus. Puxa, cara, que mulher! Não, nem vem que não tem. Tá pensando que vou contar detalhes pra você? Não conto pra ninguém! Você não sabe que coisa boa a gente não divide? Olhe, há dias em que a vida parece perfeita. Hoje foi um desses. Vou até tirar o telefone do gancho. Não quero perturbação. Só recordação. Correu para a cozinha. Salpicão! Salpicão... Começou a rir. Quer salpicão, surfista? Que cor é essa, cara? Estamos em pleno inverno e não pára de chover. Já fez amor num dia de chuva? Já fez amor? Que nada! Aos quinze anos ninguém faz amor... Ou será que faz? Ah, já nem me lembro o que é ter quinze anos... Deixa eu ver as outras fotos. Pô, essa ficou boa. Quer dizer que você conhece o Pantanal? Puxa, rapaz, estou surpreso com você! Fora essas espinhas na cara, até você está indo bem na vida. Pelo visto não deve mesmo ser parente da Maria... Acho que nem afilhado meu você estava querendo ser. De carente, você não tem nada. E eu com medo de que você acabasse menino de rua! Na sua idade, eu gostava de acampar com os amigos do campinho. A gente vivia arranjando peladas só pra termos uma desculpa pra colocar a mochila nas costas e viajar. Às vezes a gente não tinha grana nem pra comer, mas sempre havia um dono de boteco precisando de ajuda, um casal bem-humorado pra incentivar nossa bagunça..., enfim,

até passando uma fomezinha de vez em quando, valia a pena. Lembra do Zeca? Pois é, aquele só vivia com o violão no braço. Onde chegava, conquistava todo mundo. Fazíamos serenatas nas janelas das meninas, tínhamos as músicas do nosso time. Dançou pela sala... Vou guardar minha bagagem dentro do seu coração se você torcer gritando pra que eu seja campeão. Tá rindo, sacana? Que que é? Não tem uma turma? Não sabe como ser bobo é bom? É, bem que eu já tinha notado esse seu jeitinho de intelectual. Surfista, intelectual, viajante, o que mais você tem pra me surpreender? Poxa, eu estava no maior astral, aí vem você com essa pose de superior, de sabe tudo, de bem-sucedido. Coisa chata, hein? Aposto que não ganha uma gata. Bem, sei lá... Com essa pinta... Ah, deixa pra lá, que hoje o dia é meu! Está pensando o quê? Vou embolsar uma grana se ganhar esse processo. E vou ganhar! Meu pai era advogado e você deve saber como são essas coisas... Pai advogado, filho advogado e por aí vai. Querer mesmo, eu queria era ser médico. Mas para se tornar um médico, um homem precisa de apoio. É uma vida bem dura. Muito estudo. O quê? Pensa que eu tinha medo de estudo? Não tinha, não. A vadiagem era grande, tudo bem, mas se eu quisesse... Sabe o que me atrai na Medicina? Aquela coisa de ser capaz de dominar o corpo humano, descobrir como ele funciona, como consertá-lo, como torná-lo mais forte... Também gostava de bancar o veterinário. Quando tinha dezessete anos, achei um cachorro doente deitado no portão da minha casa. Peguei o bicho, levei ao veterinário da esquina e passei uma semana cuidando dele, até que sarou. Dei um nome pra ele: Sarô. Você precisava ver como o Sarô era incrível. Ia à praia comigo e balançava o rabo todas as vezes que uma gata bonita passava por perto. Era um verdadeiro controle de qualidade! Pô, você vive rindo de mim, hein, seu...! Claro que gata é garota! Você acha que o Sarô iria gostar de gata gata?

Ele estava só trabalhando pra mim. Conhecia meu gosto o safado! Um dia roubou o sutiã de uma garota que estava deitada de bruços com a parte de trás do sutiã aberta. O danado foi lá, puxou o sutiã e deixou a garota vermelha, não sei se de raiva ou se de vergonha. Claro que eu, muito prestativo, corri atrás do Sarô e devolvi o sutiã para a menina. Até amarrei as tirinhas para ela. Numa outra vez, o Sarô se deitou aos pés de uma moreninha toda gostosinha e ficou chorando baixinho como se estivesse doente. A moreninha, com pena dele, começou a lhe fazer uns afagos, enquanto o bicho se virava de pernas pra cima pedindo mais carinho. A menina olhou em volta pra ver se o cão tinha dono e eu, ali perto, dei logo um aceno com a mão, acompanhado, é claro, de um sorriso simpático... Um dia o Sarô foi embora. Assim, sem mais nem menos. Acho que ele me considerou pronto pra atuar sozinho... É isso aí...! Recordações. Você me faz recordar muita coisa esquecida. Às vezes acho que você vem da minha imaginação. Vou falar sobre você com o Caetano. O Caetano é meu sócio. Boa gente. Quem sabe ele não vem até aqui para conhecer você e me ajudar a desvendar essa história de fotografias? Não! Vou levar o álbum para o escritório amanhã. Quem sabe não é o próprio Caê que está me fazendo essa brincadeira.

./...

Chegou a casa arrasado. Meu Deus, que papel de trouxa! Ficou lembrando da cena no escritório. Olha, Caê. Olha o álbum! Aí ele deveria estar com uns quinze anos, mas amanhã já vai ter uns vinte. Acho que ele cresce de cinco em cinco anos. Olha, abre o álbum, vamos ver. ???? Vazio? P...! Que isso, cara? Caê, o negócio é sério. Não ria, rapaz! Ainda escutava as risadas do outro. Colocou o álbum vazio na mala e começou a sentir

medo. Arregalou os olhos quando viu outro álbum na mesa. Trimm. Trimm. Carminha? Nada. Não tenho nada. Quê? Hein? Não, Carminha, nosso encontro é na quarta. Sei que hoje é sábado, mas não quero sair. Se estou bem? Estou. Sei lá se estou... Pelo amor de Deus, Carminha, não me ligue mais. Ai, desculpa... desculpa. Tá, ligo amanhã pra você. Correu em direção à mesa. Fechou os olhos antes de ver as fotos. Contemplou o homem da foto com os olhos arregalados. Que idade? Vinte e cinco? Que isso, cara? Você é médico? Que isso? Estou ficando louco? Pô, você tem uma cara de feliz... Quem é você? Folheou o álbum. Que carro é esse? Nunca vi esse modelo nas ruas. Você tem uma biblioteca em casa? Colocou as mãos na cabeça e jogou-se na cadeira. Puxa, meu chapa, não consigo mais parar de pensar nisso. Corro pra casa querendo encontrar você. Sou amigo de um retrato vivo! Pô, e o Caetano? Deve estar rindo de mim até agora... Onde foram parar as fotos de ontem? Folheou o álbum de novo. Arco do Triunfo! Paris! Nossa, você está indo longe, hein? Quem é você? Tá bom! Vamos deixar o mistério de lado. Preciso parar para pensar na Carminha. Preciso ensaiar o que dizer para ela. Acabou, Carminha! Desculpa, mas acabou! Não. Acho que ela merece uma conversa mais gentil... Olha, Carminha, você é uma mulher incrível, bonita, carinhosa, mas tenho que ser sincero: não posso continuar com esse relacionamento. Aliás, não quero relacionamento nenhum. Quero curtir mais a vida, sair com os amigos, paquerar, coisas assim. Você quer se amarrar. Quer um companheiro que eu não posso ser... Será que isso vai convencer? Não! Vou ser bem frio. Carminha, o negócio é o seguinte: ou você pára de me atormentar ou vai ganhar um inimigo. Se manca, mulher! Desgruda! ... Ih, aí a dona Constança é que vai ficar no meu pé. E se ela souber da transa do escritório. Não. É melhor não. Ainda mais que a talzinha já

está se derretendo toda pro Caê. Droga. Por que será que a Carminha está com essa fixação em mim? Será que é preciso dizer mais alguma coisa quando nem vontade de se estar junto existe? Mulher tem uma mania de querer ruminar palavras de separação. Pô! Não é mais fácil ir embora simplesmente, sem choros, sem humilhações? Ai, Carminha, não sei o que vou fazer com você... E você, meu chapa? Não mostra suas gatas, né? Levou a sério aquele papo de não dividir coisas boas? Pois é. Não vou nem jantar. Pensei que passaria a noite de sábado com a Tati... mas não é que a danada não quer compromisso? Acho que há um poema assim, não é? Alguém que gosta de alguém, que gosta de outro alguém e por aí vai... Eta mundinho cheio de lugares-comuns! Mas pode ter certeza, esse vai ser o primeiro e último sábado que passo assim! Tchau, vou ligar a TV.

./...

Álvaro saiu do quarto se espreguiçando. Foi direto para a cozinha. Ligou a cafeteira e pegou um pacote de torradas no armário. Olhou em direção à mesa da sala. Lógico. O álbum estava lá, como sempre. Passou geléia nas torradas, colocou café na xícara e sentou-se calmamente na cadeira da sala. Folheou o álbum, atento e calado. Viu as novas fotos. Cabelo meio grisalho. Uma barba cerrada. Óculos escuros. Cenas de viagem. Continuava gostando de viagens... Outro carro desconhecido. E... surpresa! Três crianças ao lado do amigo, abraçando-o carinhosamente! Finalmente, meu chapa! Finalmente acompanhado. Filhos? Você tem filhos? É, agora estamos bem distantes, não é? Que faço eu agora, peço conselhos a você? Sua barba se parece com a de meu pai. Bem cerrada, dando-lhe esse ar de homem forte. Será que você é

um pai bacana? O meu não fala comigo há anos. Testemunhei contra ele num processo sobre corrupção na justiça. Está me condenando? Você e todo mundo... Mas só eu sei o que senti quando encontrei aquela papelada no escritório dele. É duro ter que reconhecer que seu próprio pai é um mentiroso, um ambicioso sem sentimentos. Ele sabia que o filho do empresário era culpado. Tinha todas as provas. Mas o dinheiro falou mais alto e meu pai em vez de defender a moça que o contratou, encobriu descaradamente as provas e passivamente aceitou a absolvição do réu. A imprensa só soube de tudo porque a moça conseguiu um apoio qualquer que remexeu no caso, trazendo tudo à tona. E eu...? Eu vi os papéis, as provas que me pai tinha conseguido. Atento, passei a escutar ligações e observei quando a nossa conta bancária começou a engordar... Pô, cara, eu não queria ser um advogado. Fiz a vontade dele. Pra quê? Doeu. Dói até hoje. Minha mãe não durou muito depois dessa história. Pai e filho se confrontando foi demais pra ela. Está vendo, chapa, tenho minhas histórias também! E você? Que pai você é? Que pai você teve? Está tentando me enganar com essas fotos sempre bonitas, a aparência sempre bacana, viagens, carros, conquistas? Não, cara, a vida que se fotografa e que se guarda em álbuns não é a vida que se vive. São fragmentos. Só fragmentos. A verdade não se guarda em álbuns de família. Sou um cara solitário. Essa é a minha verdade. Não sei e não quero dividir esse espaço com ninguém. E é isso que vou dizer para a Carminha. No fundo a gente até pensa em encontrar uma pessoa. Tem aquelas idéias antigas de de repente achar a cara metade, essas bobagens... É besteira, meu chapa. Dividir o espaço é dividir as mágoas, ter alguém ao nosso lado para cutucar feridas que nunca cicatrizam, revelar os defeitos que temos porque são nossos e não tem jeito, destruir o pouquinho de paz que estar fora do

mundo nos traz. Está me olhando, por quê? Pensou que eu fosse só um burguesinho babaca, um conquistador idiota? Não, cara! Ninguém é vazio porque quer. O vazio vem de fora e nos toma internamente, destrói convicções, destrói sonhos... Tá... Eu sei que não é assim com todo mundo, mas comigo foi. Pronto! Pode desfilas sua vida bacana, seu rosto feliz, pode mostrar essas crianças bonitas e carinhosas. Não tem essa de inveja. Você é você. Eu sou eu. Gosto de você. Bom que você seja feliz. Mas não me venha querer que eu acredite que sua vida foi assim, só de sorrisos. Vou dar uma volta. Uma pelada lá no Aterro vai me fazer um bem danado. Tchau, cara!

./...

Álvaro jogou a pasta no sofá. O semblante era de tranqüilidade. Olhou de relance para o álbum, foi à cozinha e serviu-se. Sentou na cadeira da sala. Comeu sem mexer no álbum. Deixou o prato na cozinha, pegou o álbum e deitou-se no sofá para vê-lo. Nossa, cara, como você envelheceu! Sentado na poltrona e lendo um livro, hein? Não perdeu o gosto, não é? Até que você ainda tem uma pinta legal... Ah, não acredito que você esteja pescando... Não, você está me plagiando... Poxa, senhor meu chapa, temos afinidades, não é? Qualquer dia desses vou pescar na Urca. Ah, sabe que o Caê e a Tati estão namorando? E ele sabe de tudo o que rolou entre nós. Relacionamento hoje em dia é assim mesmo. E é até melhor! Ninguém se aborrece mais com detalhes que já passaram... E, olha, eu passei mesmo, porque ela me olha de um jeito que parece que eu sou o irmãozinho caçula dela. Depois de amanhã, a Carminha virá aqui. Estou louco pra resolver isso... Trimm. Trimm. Caramba, será que é ela? Alô.

Oi. É ela. Oi. Que houve? Tá chorando, Carminha? Como nada? Não quer falar? Por que ligou, então? Que foi? Fala! Quarta? Então tá, quarta. Tchau... Tchau. Ih, camarada, a moça já percebeu que vai dançar mesmo. Bem, assim é melhor. Chorando antes, pode não chorar depois. Sei lá. Você tá com um jeitão meio triste. Afinal, a vida não é tão maravilhosa assim? E as crianças? Que aconteceu com elas? Viraram adultos tão felizes quanto você? Pra que eu fui falar!!? Cá estão. Duas morenças suas filhas, hein? E esse, é seu filho? Bem, pelo menos na foto parece que gostam de você. Ou é mais um truque? Cara, queria saber onde você compra seus carros. Bonitos. Muito bonitos. Bem, vou dormir. Amanhã tenho um cliente cedo. Tchau, cara. Se cuida. Você tá magrinho...

./...

Álvaro abriu a porta silenciosamente. Colocou a pasta sobre a mesa e pegou o álbum. Tinha sentido vontade de ir até sua casa na hora do almoço só para ver o amigo. Não deu. Abriu o álbum. Arregalou os olhos. Fotos estranhas. Uma praia deserta. Um quarto vazio. Um carro com as portas abertas. Cadê você, meu chapa? De repente sacudiu os ombros num gesto de aflição. É você, amigo? Que houve? Pra que tanto tubo? Você está num hospital? Isso não é foto pra álbum de família. Pare com isso! Ande, levante dessa cama. Não dá nem pra ver seu rosto direito... Que houve? Poxa, amigo, não quero perder você. Por mais estranho, sobrenatural, louco que seja, não quero perder você. Álvaro deitou-se no sofá, segurando o álbum na mão e acariciou as fotos do amigo até adormecer.

./...

Álvaro despertou assustado. Dormira ali no sofá... O álbum... Onde estaria? Olhou para o chão e viu o álbum. Procurou pelas fotos. Continuavam ali. Deixou-o novamente sobre a mesa, arrumou-se e saiu para o trabalho. Esta noite iria conversar com Carminha. Mas sua angústia estava naquele álbum. Como estaria o amigo quando retornasse à casa?

./...

Álvaro demorou até conseguir encontrar a chave da porta. Estava ansioso. Correu para a mesa. Apoiou as duas mãos nela e abaixou a cabeça. Nada. Nada. Nenhum álbum. Sem fotos. Sem vida. Sem o amigo. Sentiu os olhos enchendo-se de lágrimas. Aquela loucura já fazia parte dele. Não tinha forças para mais nada. E pensar que ainda teria que enfrentar o choro e a mágoa de Carminha. Dim-dom. Dim-dom. Era ela. Ai, meu Deus. Ai, meu amigo. Abriu a porta, tentando recompor seus sentimentos. Ninguém. Álvaro abaixou os olhos e viu uma carta jogada no chão. Uma carta? Seria de Carminha? Era. Álvaro, o que tinha e tenho para dizer a você não poderia dizer pessoalmente. Sei qual será a sua reação. Sei o que terei que fazer. Sei que você não me ama e sei a vida que deseja ter. Estou grávida, Álvaro. É isso! Ligo pra você. Carminha.

./...

Trimm. Trimm. Trimm. Alá?!

Retrato Número 4

Tirou o DVD do aparelho.
O personagem negro não lhe saía da lembrança.
Guardou *À espera de um milagre*.
Precisava enviar um e-mail para Alex Gómez.
Só ele entenderia.
História da loucura esperava por ela na mesinha de cabeceira.
Sentiu o aroma de café fresco vindo da cozinha.
Mas não havia borboletas pousadas em seus cabelos.

O calabouço

Há anos escrevia poemas nas paredes do calabouço usando as unhas longas e pontiagudas. Cabeludo, mal vestido, de aspecto sombrio, vivia ali, solitário e ensimesmado, completamente alheio a qualquer coisa que não fosse a parede, suas unhas e a poesia. Não tinha qualquer noção de tempo, esquecer-se das dimensões de outros espaços, não se recordava de qualquer pessoa ou acontecimento de uma vida passada, que provavelmente vivera. Era, enfim, a sombra exígua de uma existência perdida em meio às metáforas poéticas que brotavam de suas mãos.

Quase não comia, mas, quando sentia algo que lhe parecia fome, havia sempre um pedaço de pão acompanhado de um copo de leite, ambos colocados no chão, próximos à porta. No calabouço, havia uma porta.

Um dia a porta abriu-se, silenciosamente. Ele nem se deu conta. Ali entrou, igualmente silenciosa, uma mocinha, descalça, trajando um vestido simples, de algodão azul. Seus cabelos, longos e negros, escorrendo pelos ombros e os olhos, doces e assustados, conferiam-lhe menos idade do que talvez tivesse.

Não disse qualquer coisa. Ficou estática, olhando para o homem e para os poemas espalhados nas quatro paredes. Assim foi durante poucos minutos, quando, discreta, voltou-se para a porta e deixou o calabouço.

Voltou àquele lugar outras vezes, sempre sem ser notada, sempre silenciosa, sempre vestida de algodão azul. Tentava compreender aqueles poemas. Mas todos lhe pareciam muito complicados. Resolveu copiá-los num caderno para reler depois. E passou a fazer isso todas as vezes que visitava o calabouço.

Passou-se um ano sem que qualquer comunicação entre a mocinha e o homem acontecesse. Ela, porém, por haver copiado os poemas, já sabia alguns de cor, embora os significados permanecessem obscuros. Obscuros como aquele calabouço. Havia dois poemas que muito a encantavam e lhe despertavam a curiosidade. O primeiro, de Cecília Meireles, chamava-se “4º. motivo da rosa”⁷. O outro era de Adélia Prado. Intitulava-se “O retrato”⁸.

Cada vez mais apaixonada pelos dois poemas, decidiu recitá-los no calabouço. Em vez do vestido de algodão azul, escolheu um outro, estampado com flores. Mas ainda continuava descalça. Entrou, tímida, postou-se ao lado da porta e declamou o poema de Cecília, em voz baixa, mas olhar firme. O homem continuou a raspar as unhas na parede. Decidida, declamou o poema de Adélia. Percebeu que o homem movimentara a cabeça, como se procurando a origem de algum som.

Durante mais um ano cumpriu o mesmo rito, até que algo se modificou no ritual que criara. Naquele dia, ao entrar no calabouço, encontrou o homem de pé, olhando para as paredes. Teve um pouco de medo, mas tranqüilizou-se ao ouvir uma voz rouca, quase um grunhido, declamando o poema de Cecília. Sem saber bem como reagir, resolveu responder

⁷ Do livro Mar absoluto. In: MEIRELES, Cecília. Obra poética. P. 385. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958.

⁸ PRADO, Adélia. Poesia reunida. São Paulo: Siciliano, p. 123

igualmente declamando. Mas o poema de Adélia. Pela primeira vez, ele virou-se e olhou para ela. Ela repetiu cada verso do poema e, emocionada, viu brotar nos olhos do homem duas lágrimas pesadas que logo se misturaram com os fios longos da barba acinzentada. Tímida, arriscou a pergunta:

– *Pai?*

Retrato Número 5

Pobre Macabéa.
Amava-a. Como Rodrigo. Como Clarice.
Como todos deveriam amá-la.
Conseguia ver-lhe o rosto quando se contemplava no espelho.
Seria como Macabéa?
Não.
A urbanidade conferia-lhe senso crítico.
Não. Não era como Macabéa.
Abraçou o travesseiro.
Fechou os olhos e ouviu o som dos automóveis
tocando réquiens na esquina.

A campainha

Por aqui... Por aqui. Isso! Encoste um pouquinho mais. Tá bom! Toma, moço, uma cervejinha. Tchau.... Ai, que alívio! Meu Deus, quanta sujeira! Será que eu ainda agüento arrumar tudo isso? Como se soubesse dizer não!

Vassoura, pano de chão, Veja, desinfetante, Ajax, Bombril. O corpo cansado, habitado por fantasias, anestésias do ser, continuava firme em seu propósito: até a noite o apartamento estaria pronto. Estranha essa ânsia de pronto. Tudo tinha que estar sempre pronto e nunca estava. E, enquanto varria, percorria a memória de outras entregas. Quantas vezes a mesma história? Seria a mesma história? Não, agora era diferente. Cada história é uma história diferente, as metáforas é que são as mesmas, vestidas de palavras outras. E se lembrou daquela paixão antiga e se viu indo à feira e preparando saladinhas coloridas. O amor, às vezes, é colorido. Sentiu na boca o gosto do ovo recheado. Realmente, muito bom! Era até curioso recordar-se capaz de coisas assim. E passava pela cozinha da casa concreta amaldiçoando o dia em que nasceu mulher. E o amor continuava lhe desdizendo as verdades, fazendo-a trair as tolas convicções que vestiam seu ser rotineiro.

Já posso até imaginá-lo: pés descalços e aquelas pernas tão queridas traçando no chão do apartamento as linhas de

futuras lembranças. Queria poder carregá-lo e traçar eu mesma essas linhas. Aliás, quase o carrego. Gosto de brincar e ele gosta de denço. Mas, ao mesmo tempo, ele me protege. Não! Ele é quem me carrega para o sonho e eu que sou uma dengosa. Nossa, limpar janelas cansa o braço. E eu que não perco esta mania de abrir todas as janelas, sempre faminta de ventos, sol, chuvas e o que vier. Engulo ventos, abrigo sóis, enxáguo chuvas – isso é vida. Mora vida neste apartamento.

As pernas da mulher subiam e desciam na dança que se ensaiava. Riu-se: tão engraçada a dança do acasalamento! Sentiu-se um dinossauro reboativo, preparando a cena para o amor. Como são tolos os dinossauros e as mulheres apaixonadas! As pernas eram jovens, bonitas, bem bonitas. Todos os dias desprezavam olhares. Pernas que desprezam olhares e se extenuam nas faxinas do existir. Curiosa aquela moça de pernas bonitas, agachada, esfregando todos os rodapés, verdadeiras molduras para um chão virgem, aguardando o que o amor viria preencher. Curiosa aquela moça.

Bonito! Tá bonito! Eu me sinto um pouco parede, um pouco porta, um pouco cama. Quando ele chegar, vou lhe dar o maior abraço. Gosto dele. O cheiro é bom, a voz é macia, o carinho é doce. Gosto dele. Tenho que comprar mais sabão em pó. Sabão em pó e água sanitária: receita do milagre! Acho que ele nem se importa se vai estar tudo limpo ou não. O chão brilha. O que era chão metaforizou espelho. Eu sou bonita. Acho que jamais me disse isso. Sou bonita. Sou bonita. Gosto de mim. Meu cheiro é bom, a voz é macia, o carinho é doce. Gosto de mim. Meu corpo está cansado. Gosto dele. Gosto de mim.

Seus cabelos, por vezes, confundiam-se com as luzes amarelas que invadiam a sala. No meio da sala, ela era um sol

e aquele era um dia sem nuvens. Raro aquele dia. Mulher de nuvens, brincando de ser sol. Ela andou até o primeiro quarto e continuou o trabalho. E quem a observasse talvez a deitasse na cama e fizesse amor com ela. Aquela era uma mulher com quem se deveria fazer amor. Seu cheiro era bom, sua voz, macia, seu carinho, doce. E fazer amor tem qualquer coisa de bom, macio e doce. E todos os olhares que a observaram fizeram amor com ela e ela nem percebeu. A cama era apenas mais uma coisa a ser limpa. Tirou o plástico do colchão, passou o pano embebido em Veja no estrado e deitou o colchão no lugar. Chegava o momento da “inauguração”.

E talvez bastasse uma chave girando na porta para começar a história.

Acho que esta cama vai ficar melhor mais pra lá. Preciso colocar um pano sob os pés. Até que não é tão pesada. É, ficou melhor mesmo. A mesinha é pesada...Ufa! Bom! Ficou bom! E pensar que esta cama teria memórias do corpo nu do homem. Ele, que entrega o corpo, entrega alma, entrega tudo e me deixa submersa, contemplativa, feliz. O imaginário corpo se mexia de um lado para o outro: estava me chamando. Ele escrevia meu nome com os movimentos do corpo, e eu respondia seu nome com o olhar. Ah, deixa disso!... O rapaz não instalou a luminária direito. Pára, mulher, com essa mania de perfeição! Bem, este quarto está pronto. Pronto pra sonhar sonho de abajur, sonho de poltrona, sonho de cortina.

A vassoura foi andando até o corredor. Arrastou-se por ele até o outro quarto. A mulher retirava forças do impossível e persistia. Ela contemplou o homem sentado à escrivaninha. A imagem ia e vinha como a vassoura. Tudo limpo e a mulher cansada. Só não se cansava de imaginar as histórias que viriam. Olhou pela janela do quarto e viu a vida passando lá fora. Automóveis, buzinas, crianças uniformizadas, entregadores de

coisas, e um mundo de gente estranha. Nossa! A hora está passando...E a hora passava rápido nos passos da gente estranha que cruzava a janela da mulher.

Banheiro. Todo banheiro deveria ser perfumado, perfume de limpo. Não aquela coisa artificial dos banheiros dos shoppings ou dos ônibus da Cometa, mas aquele cheirinho de zelo, de preocupação com o conforto do outro. Mas quem se preocupa com o outro? Viu-se cercada de lembranças de vasos mijados. Coisa nojenta. Deixar o mijo exposto. Mijo público. O que deveria ser limpeza pública, agora era mijo público. Jogou água sanitária no vaso e no chão. Um pouco de sabão em pó. Esfregou e as mãos doíam. Para ele, com certeza, nada disso importava. Ele só queria carinho. Aquela faxina era um carinho. Ela acariciava paredes, chão, azulejos e tudo contaminava o ar e, do ar, cheirando a limpo, emanava uma atmosfera de afeto. Aquela era uma mulher afetuosa. Tinha sempre um sorriso pronto para dar. E sorriu para as escovas de dente: uma vermelha, outra azul, coisa óbvia, lugar-comum. Banheiro pronto. Pronto. Tudo estaria pronto.

Estou morta! Louca por um banho. Deixa eu colocar bastantes panos no chão, senão molho tudo de novo. Tá bom. Água morna é um santo remédio. Gostoso, gostoso demais tomar banho. Você sabe que eu adoro tomar banho? Sempre fui assim. E lembrou-se do rapaz cheiroso que, como ela, adorava um banho. Aquele sabia como seduzir uma mulher. Deixava um rastro na memória olfativa. Homenzinho sedutor. Riu. E pensar que ele se deitou no chão e enfiou a vassoura embaixo do móvel até matar a barata que me assustou. Homem cheiroso, matador de baratas. Riu de novo. Deixou o pensamento passear pelo passado, enquanto a água escorria por seu corpo sedento de banho.

Estranha aquela mulher de corpo enxuto. A toalha estendida na porta do boxe ainda esquecia em si os traços do corpo da mulher. Branco movimento. Caminhava pra lá e pra cá. O corpo era esguio, pernas longas, andar tímido. Nem gorda, nem magra. Apenas uma mulher normal. Normal e estranha. Mulher habitante de um corpo que se entregava ao amor com a mesma intensidade que se entregava à abstinência. Selvagem e dócil. Mulher de paradoxos e antíteses...

Pronto! Tudo pronto. Agora vou fechar os olhos e me deixar acordar pela presença do homem. Mas dormir é impossível quando a faxina já se calou, mas é urgente reescrever na alma as vozes do amor.

Era, então, uma mulher de banho tomado, corpo cansado e todas as expectativas. Ela sabia que um só girar de chave na fechadura bastaria e toda a faxina teria valido a pena.

O som da campainha foi a chave que não girou. Desperta, a mulher correu para o que não esperou. Estranha mulher, enxuta, cheirosa, de voz macia, carinho doce, pisando leve o imaculado chão que há pouco limpava. Do lado de fora da janela, a vida passava lenta, transitando congestionada entre os carros parados na hora do rush. E a mulher não sabia da hora, não sabia da chave.

Nem sabia que, do lado de fora, o homem que a aguardava guardava um punhal.

///

Retrato Número 6

Ridículo era não receber cartas de amor.
Não ter com quem trocá-las.
Não ter motivo para escrevê-las.
Sentia-se ridícula naquela contabilidade de afetos
corriqueiros.
Releu as cartas de amor de Pessoa.
Eram ridículas mesmo.
Mas sentia inveja.
E lembrou-se das propagandas que teimavam em entrar na
tela de sua vida.

A testemunha

A tarde estava cinzenta. Sentada, quieta, naquele banco de praça, eu distraía a tristezinha incômoda que ia e voltava do coração ao pensamento. De repente fui obrigada a sair de minhas ausências e prestar atenção no lamento que me chegava aos ouvidos como uma súplica. Mais adiante, num banco próximo, vislumbrei um casal em evidente situação de conflito. Ela chorava compulsivamente, enquanto ele vacilava entre abraçá-la ou contemplá-la. Também parecia ter chorado. Algumas palavras sussurradas vez em quando se tornavam nítidas: “Como conviver com todas essas lembranças?”, “Como aceitar tudo isso?”, “Como....?”. Sentia-me constrangida, mas alguma coisa me prendia ali.

Foi quando vi um pequeno pacote pardo nas mãos trêmulas de Anna. (Como vocês verão mais abaixo, fiquei sabendo que ela se chamava Anna). Ela segurava o pacote como se segurasse um tesouro inestimável. Desatou o laço da fita azul que envolvia o pacote e tirou de dentro dele um papel, uma carta (como soube depois) e, beijando-a compulsivamente, tornava ainda mais constrangedor o espetáculo. Ele (será que se chamava Amor? Era assim que ela se dirigia a ele...) dizia qualquer coisa que me soava como consolo, porém o choro continuava forte e sentido.

Como a situação parecesse impossível de ser resolvida, ele, repentinamente, afastou-se dela e, falando mais alto (tão mais alto que pude ouvir em bom som), disse-lhe: “Estou indo.

Nada do que foi dito ou escrito morrerá. Um dia você saberá que parti porque não havia como ficar. Só isso. Tudo o que foi escrito e dito é para sempre.”

A moça não correu atrás dele. Subitamente parou de chorar. Olhou para o pacote entreaberto. Sentou-se no banco, abaixou a cabeça até os joelhos, forçou as mãos na nuca e assim ficou durante uns dez minutos. Não chorava mais (ou pelo menos, não tanto que eu pudesse perceber).

A figura dele já havia sumido do horizonte de meus olhos. Havia agora uma praça solitária, onde duas mulheres incomunicáveis distraíam suas tristezas. Contudo, logo fiquei só. Ela, passados os dez minutos, ergueu-se, evidentemente fragilizada, e seguiu por um caminho diferente do que ele havia tomado. No entanto, sobre o banco, repousou solenemente o pacote. Foi-se, talvez em busca de alguma vida possível, na qual não caberiam aquelas cartas.

Eu, espectadora do desenlace, vi-me desarmada. Deveria deixar aquele pacote ali, quieto e abandonado como parece ter sido a intenção da moça? Quem o descobriria? O que haveria ali dentro? Confidências corriqueiras? Falácias do amor eterno? O quê? Caberia a mim sabê-lo?

Bem, fiquei entre o sim e o não, até que, refletindo sobre os mistérios da existência, considerei que o fato de ter sido uma testemunha involuntária fez-me guardiã daquele pacote. Alguma coisa importante poderia estar sendo precipitadamente abandonada. Sem jeito, levantei-me e me dirigi ao banco. Peguei o volume delicado, tirei um lápis da bolsa e escrevi sobre a tinta branca do banco: “Estou com suas cartas. Voltarei no próximo domingo para devolvê-las a você. Desculpe-me. Não achei justo que qualquer transeunte descobrisse seus segredos. Ch. 15.08.1996.”

Ao voltar, no dia prometido, não a pude encontrar. Creio que o abandono foi definitivo. Guardei aquele pacote, e nada li, durante quatro anos. Um dia, porém, ao descobri-lo dentro de meu armário, senti um desejo incontrollável de finalmente saber um pouco sobre aqueles dois. Peguei logo a primeira carta, abri-a cuidadosamente, e cometi meu delito. A carta dizia:

“Anna, minha musa,

A manhã se faz dentro dos teus olhos claros, numa exuberância de luz, cor e pássaros, convocando ao devaneio. A brisa, foragida do poema de Castro Alves, agita as folhas verdes e enfuna tua cabeleira loura, e a tua imagem atravessa minha lembrança como um barco. Sei que navegar é preciso, e lá vou eu, na Argos dourada de teu corpo, lançar-me aos mares nunca dantes navegados, num misto de exílio e desterro. Mas essa manhã é esplêndida, o mar está calmo e os ventos amenos, asas tontas de luz cortam o firmamento, vida move a via-láctea, e eu sinto o irresistível desejo de fazer amor com o universo.

E eu fico aqui, ao pé de ti, tua imagem galáctica esculpida no pedestal de minha saudade, revivendo no universo guardado de teu ser, essa manhã de muitas manhãs acumuladas. E eu te adoro de pé, ouvindo os pássaros, rútilos diademas pousados em teus cabelos, redizendo-te as palavras, reabraçando-te nos gestos, reacariciando-te os pêlos, rebeijando-te a boca, reentrelando-te nas pernas, reamando-te completa.

C”

A leitura encheu-me de tristeza e pude reviver dentro do peito cada momento observado. As perguntas que ela fizera encheram-se de sentido. E o “como” nunca me pareceu tão adequado. Pude compreender perfeitamente a angústia daquela moça. Amores assim não deveriam morrer. Palavras assim não devem ser levadas pelo vento, nem dissolvidas por lágrimas. Lembrei-me também das palavras dele ao partir.

E ficou-me a certeza de alguma força maior haveria de tê-los unido novamente. E, se o abandono das cartas deixou seu amor incompleto, Anna, eis-me aqui, em carta, a esperar por você. Guardo-as como se guardasse uma vida.

Ainda há vida nelas, pobre Anna, privilegiada musa.

Retrato Número 7

Ninguém a compreenderia melhor que seus livros.
Acariciou um a um.
De repente, saudosa, vislumbrou os vinte poemas de amor.
Canções desesperadas.
Não. Precisava admitir. Barthes também entendia dessas
coisas.
Mas,
teria vivido?

O dia seguinte

Olhos inchados e vermelhos, lábios grossos, palidez, fome nenhuma, sorriso guardado em carro-forte blindado, nenhum ouvido para passarinhos e crianças, palavra muda, pensamento embargado. Eis que se iniciou o dia seguinte, deixando para trás a discussão derradeira e o fim da relação com sua definitiva ausência de beijos.

Sobreviver ao dia seguinte. Missão impossível, que, em muito, ultrapassa as vinte e quatro horas. Não querer encontrar amigos e parentes. Não querer dar satisfações, explicar o inexplicável, derramar o pranto ridículo do desespero contido pelo medo de ser ridículo.

O telefone? Toca. Muito. Incapaz de se fazer cúmplice, o monstrengo barulhento grita, trina, azucrina. Alô? Alô... Que voz é essa? Nada... Resfriado, acho... Da próxima vez, com certeza, o telefone tocará até o fim da paciência que mora do outro lado da linha.

O espelho? Delator. Sequer se importa com a vergonha que provoca. Vergonha de quê? É vergonhoso sofrer? É vergonhoso ou infame entregar ao espelho a face disforme do dia seguinte? Como é grotesco percebermo-nos mata-borrões de nós mesmos...

A vida? Morta. Nunca o futuro pareceu uma palavra tão utópica. Não há futuro para um coração desamado. Há o precipício. O desejo de morte. O desejo de cem comprimidos letais, corda pendurada, pulsos cortados, salto do vigésimo andar ou da ponte mais famosa da cidade. Mas, tudo sem morte real. Só a manchete sensacionalista, o hospital, a família

horrorizada, e, quem sabe, o ex-amor atônito ante o efeito do dia seguinte.

A televisão? Mais perversa do que nunca. Cospe, implacável, o artificialismo roteirizado do mundo. Um milhão para quem souber o aumentativo de milho. Quinhentos mil para o maior “grande irmão”. Todos brilhantes. Todos maravilhosos. Todos perfeitos. Sarados e amados.

Telefone, espelho, vida e televisão vão juntos para o saco negro e sem fundo da automisericórdia.

É preciso implodir o dia seguinte! E, com ele, implodir também a história sem final feliz e aquele gosto salgado da última (que bem sabemos não será a última) lágrima, que, entrando pelo canto da boca, retorna ao mar tempestuoso no qual naufragamos solitários e carentes, pois, no dia seguinte, sabemos... amor e amado se foram. Foram-se, também, as carícias, o enroscar de pernas, as novidades confidenciais, os projetos inventados, os filmes e suas pipocas, os presentes mútuos, os apelidos carinhosos, as viagens a dois, a comunhão de dívidas, o aconchego do peito, a sensação de completude. Não, não é possível implodir o dia seguinte.

Desse modo, carregando consigo nossas esquálidas energias, vai-se o dia seguinte fantasiar-se de novo dia seguinte e assim por diante sucessivamente até que o dia derradeiro não seja mais do que uma remota consciência da dor; até que nosso ser de tantas cicatrizes contemple o dia seguinte como se contemplasse o futuro.

Até que a solidão deixe de significar mutilação e passe a ser apenas mais uma existência corriqueira a habitar a solidão do mundo.

Retrato Número 8

Abriu todas as portas do guarda-roupa.
Tudo estava no lugar correto: roupas, sapatos e bolsas,
ordenados por cores;
acessórios, minuciosamente alojados em caixas e caixinhas de
formatos diversos;
a lingerie, disposta na primeira gaveta, acompanhada de
sachês;
as máscaras, no entanto, ficavam escondidas.
Às vezes, vestia uma delas e ficava à janela, na expectativa do
reconhecimento.
Nunca fora reconhecida.
Seu rosto comum ou incomum não importava aos
transeuntes.
Nunca ousara carnavalizar.
Talvez, por isso, seus fingimentos parecessem verdades.
Anotou. Precisava reler Bakhtin.

O discurso de formatura

Uma energia, uma onda nervosa, invadiu sua mente, despertando o poeta adormecido, e ela viu suas sólidas idéias derretendo-se num processo lento, escorregadio... até voltarem à vida esculpidas por palavras, pontos e muitas entrelinhas... Foi assim, exatamente desse modo, que seu discurso tomou forma. O nervosismo das semanas anteriores deu lugar a um torpor tranqüilizante. Sentia-se como a água, descongelando e se espalhando, umedecendo a superfície, invadindo os espaços...

./...

Seu nome era Alfa Beta Silva Rossler, nome de batismo, que lhe apontava o próprio destino - a paixão pelas letras. Sequer tentou travar uma luta contra sua sina... Deixou-se sempre levar pela sedução das palavras e, diante das ínfimas possibilidades de conquistas materiais que sua vocação lhe permitiria, buscava compensação na riqueza de todos os sentidos incompreendidos pela maioria e tão ao alcance dela. E mergulhava nos livros, passeava nas poesias e se descobria repleta de desejos de descobrir o mundo, tentar entender as razões das diferenças, os porquês da realidade e do sonho...

./...

A formatura seria no dia seguinte e seu discurso parecia estar congelado, solidificado...até o despertar do poeta...Alfa deixou o poeta falar. Sua mão obedeceu à voz lírica e esculpiu o discurso. Alfa estava em “delta”.

Quando acordou, pela manhã, encontrou o discurso pronto em cima da mesa de cabeceira. Colocou o CD do Caetano dentro do estojo e leu novamente o discurso. Seria realmente capaz de falar tudo aquilo?

./...

O auditório reunia faces conhecidas e desconhecidas. A noite quente, os formandos sorridentes, os parentes, os amigos, uns interessados, outros ausentes... Todos observaram quando a bela moça, de cabelos vermelhos e longos, aproximou-se do microfone, preparando-se para o discurso. A beca impecavelmente passada, a faixa cor de vinho, o rosto nobre de Alfa, tudo prenunciava um belo discurso, digno de uma moça “letrada”.

Alfa olhou para seus pais e neles viu todos os pais. Agradeceu a presença dos convidados, sorriu para a mesa, abraçou todos os colegas com os olhos e...

Para surpresa de todos, Alfa esfregou o dorso da mão nos lábios, retirando o batom; arrancou a peruca, deixando à mostra os cabelos pretos e curtos, e despiu-se da beca. Um short de brim e uma camiseta branca eram agora o único escudo de Alfa. Olhos curiosos e bocas mudas aguardavam... Dessa forma, inusitada e corajosa, Alfa iniciou seu discurso...

./...

“Retirei as minhas máscaras e convido os que assim queiram a também retirarem as suas. Mãe, ajude-me!” - disse

Alfa, ao que sua mãe prontamente atendeu, livrando-se dos sapatos apertados que tanto detestava usar. Seu pai tirou paletó e gravata e também a máscara da seriedade. Algumas pessoas entenderam a intenção de Alfa e lhe imitaram os pais. Como um surto, o salão encheu-se de máscaras: máscaras de médicos, advogados, empresários, professores, donas-de-casa, engenheiros, técnicos de tv, comerciantes, desocupados... No canto do salão, um senhor retirava compulsivamente uma máscara após outra, revelando o grande número de identidades que nele habitavam.

Alfa continuou: “Peço desculpas a vocês..., contudo preparei um discurso para pessoas sem máscaras...”. E Alfa falou do poder das palavras, que tinham transformado a sociedade num conjunto de injustiças. Falou do uso cotidiano de máscaras, máscaras que fingem não ver os meninos magros, perigosos e sem rumo, esmolando nos vidros dos carros; máscaras que vibram em estádios repletos, fugindo da realidade; máscaras que jogam no lixo toneladas e toneladas de alimentos; máscaras que praticam pequenas corrupções diárias, enquanto reclamam das grandes corrupções diárias; máscaras que, entre a preguiça e o esforço, escolhem a primeira; máscaras que, entre a TV e o vizinho, escolhem a primeira, porque se devem evitar envolvimento com vizinhos; máscaras que conseguem dividir o mundo em desenvolvidos e não-desenvolvidos, pretos, amarelos, brancos e “gays”, nacional e importado. Máscaras que não percebem que todas as línguas têm a mesma finalidade. Máscaras que aprisionam a verdadeira essência do ser humano. Máscaras que palavras poderosas ajudam a construir.

Encerrando o discurso, Alfa disse: “ Pior analfabeto é aquele que sabe ler e não percebe a riqueza das palavras...

Entretanto, mais desprezível é aquele analfabeto que sabe ler, percebe a riqueza das palavras e as utiliza para tornar ainda mais miserável a vida dos verdadeiros analfabetos...”.

Enquanto voltava a vestir a beca, Alfa olhou para o salão e sentiu um sorriso invadindo-lhe o rosto: ali não mais havia mascarados, havia gente, gente pensando... Como fosse gelo, Alfa começou a derreter... Gente pensando e Alfa Beta derretendo-se pelo chão... Gente pensando, enquanto as palavras e a poesia de Alfa espalhavam-se pelo chão, derretendo com ela.

E pensar poderia ser o começo de tudo.

///

Retrato Número 9

Compôs um poema.

*Chega dessa existência
Hodierna
Entrecortada de referências,
Garatujada por
Alguma mágoa,
Risos,
Banalidades e fast-food.
E, ao fim do dia,
Meditarei:
Pouco me importa se de meus versos
Esparsos não-espessos
Reverberarão sinos
Tangerão líras mais belas que as de Alceste
Ou se deles, simplesmente,
Cairão plumas
Ou restará apenas
M
O ganido angustiado
Voltado pro golfão de cismas
Ensimesmado
Onde navegam bestianistas
E cia.
O Eu-eclipse
Abrir-se-á
Deificado*

*Ao abraço de nuvens
Eivadas de signos disformes
Desinformados
E eu, morta,
Serei a mais banal
Entre todos os suicidas.*

Cumplicidade. Eis aquilo que lhe faltava.
Arrolou nomes. Seus cúmplices.
Sentou-os, um a um, nas cadeiras da emoção.

Os mandamentos da professora Dolores

No final de novembro, Dolores, professora de Literatura Brasileira, há quinze anos trabalhando no curso de Letras da Universidade Veiga de Almeida, foi escolhida paraninfa da turma que se graduaria em janeiro. Era a primeira vez que isso acontecia. Séria, meticulosa, mas muito tímida e um tanto distante, ela recebeu a notícia como quem recebe um desafio. Jamais havia participado de cerimônias de formatura. Não gostava de festas. Gostava da sensação do dever cumprido e só. Delicada, porém, não deixou de oferecer aos alunos um sincero sorriso de gratidão pela homenagem. O discurso de paraninfa, contudo, era agora um dever a ser cumprido.

Por isso, após o convite, não teve mais um só instante de sossego. E o discurso? O que dizer àqueles alunos? O que falar às famílias? Como, em poucos minutos, deixar registrada a importância da profissão, a necessária dedicação e seriedade, os problemas a serem enfrentados? E as importantes leituras que não poderiam deixar de ser feitas?

Durante o mês de dezembro, até a véspera da formatura, Dolores esteve a digitar e deletar palavras que lhes pareciam totalmente sem sentido, sem profundidade, sem brilho. Buscou inspiração na ópera, no "melhor de Chico e Caetano", nas dez melhores músicas brasileiras do século vinte... e nada! Do que escrevia emanava um tom monótono e acinzentado.

Na véspera da tão perturbadora cerimônia, ela, que detestava "trabalhos de última hora", teve um rompante de inspiração: colocou em volta de si os livros prediletos, acendeu um incenso, ligou o computador e começou a deslizar os dedos pelo teclado sem qualquer interrupção até que um suspiro de alívio soou como um desabafo! Enfim! Enfim o discurso. Três e vinte da manhã e lhe parecia impossível deixar de sorrir! Que texto! Sopro divino, com certeza! Idéia luminosa! Lá estavam, impecáveis e precisos, explicadinhos, tim-tim por tim-tim, "Os dez mandamentos do Profissional de Letras", profissional e letras com maiúsculas, é claro! Do primeiro ao último, cada mandamento abrangia um aspecto importante do magistério. Nada lhe passara em branco. Dolores conseguia antever os olhares de satisfação dos pais, mães, padrinhos e madrinhas presentes no auditório. Os colegas de trabalho por certo lhe pediriam uma cópia para ser usada em ocasiões futuras. Os formandos, então, ah, sabia que aquelas palavras lhes ficariam gravadas na mente e lhes serviriam como bússola na vida profissional que ali começaria. Cansada, mas ainda vibrando com cada um dos mandamentos, deu o comando "imprimir" e o discurso se materializou no papel A 4 solene e impecável.

Na noite seguinte, apresentou-se pontualmente no auditório da universidade. Discretamente vestida, penteada e perfumada, tratou logo de se paramentar devidamente e, um tanto deslocada, em função da timidez, aguardou que o ritual se cumprisse até a hora de ser chamada a discursar, o que se deu às vinte horas em ponto. Dirigiu-se ao púlpito, altiva e compenetrada.

Embora o papel lhe tremesse nas mãos, conseguiu encarar, com relativa tranqüilidade, o público que lhe estendia olhos e ouvidos. Autoridades, colegas, formandos e convidados viram-na ajeitar o microfone e buscar, sem pressa, o texto no

papel. Contudo... Branca! Branca foi a cor desmaiada de sua face ao olhar para o discurso impresso e verificar que todas as palavras, tão meticulosamente impressas, fonte arial, tamanho 12, encontravam-se agora embaralhadas e dispersas, formando desenhos desconexos entremeados de símbolos ilegíveis! Sentindo o sangue fugir-lhe das veias, olhou novamente para o auditório repleto e sem que nada lhe viesse à mente, nem mesmo uma pequena recordação do que escrevera, pôs-se em silêncio, um silêncio grave e constrangedor.

Tudo era confusão e vergonha no pensamento de Dolores que, num gesto de desespero, voltou a buscar o papel como se esperando um milagre, mas o caos lá continuava e não lhe restava mais nada a não ser improvisar uma desculpa e passar o resto da carreira sentindo-se envergonhada por tamanho constrangimento.

Voltou-se para o auditório, desconcertada, e teve um choque ainda maior! Não mais encontrou as anonimamente familiares faces de pais, padrinhos e amigos, mas conhecidas e surpreendentes faces que há muito vinham lhe preenchendo a vida profissional. Só na primeira fila, vislumbrou, solenemente sentados, Gregório de Matos, Castro Alves e Olavo Bilac. Continuou a correr os olhos e o espetáculo fez-se ainda mais impressionante: viu Alencar, Oswald de Andrade, Cecília Meireles, Cruz e Souza, Drummond, Bandeira, Gonzaga, Guimarães Rosa, Graciliano, Érico Veríssimo, Machado, e muitos, muitos outros escritores, alguns trajando roupas de época, outros vestindo a camisa verde-e-amarela, num verdadeiro desfile histórico-literário. Além das personalidades literárias, Dolores, atônita, percebeu a presença de índios, escravos acorrentados, imigrantes das mais várias nacionalidades. Não pôde contar o número de getulistas e lacerdistas, nem os membros dos fãs-clubes de Emília e

Marlene, nem os componentes da bateria da Mangueira. Viu todo o elenco de "Terra Nostra", compositores e cantores de música popular brasileira e até Paulo Coelho, timidamente instalado na última fila ao lado de Pelé. A capacidade para duzentas e cinqüenta pessoas parecia ter-se multiplicado muitas vezes e auditório, aos olhos de Dolores, tinha agora o tamanho de 500 anos. No entanto, tudo estava ao alcance desses mesmos olhos, inclusive as muitas bandeiras americanas que tremulavam no final do auditório.

A lembrança dos colegas, das alunas e dos alunos veio-lhe como um bálsamo. Novo choque! Autoridades e professores, todos tinham o rosto de um Freud em êxtase! E, Deus, todas as alunas lhe contemplavam com a mesma misteriosa face de Clarice Lispector e os todos os alunos tinham o rosto de Fernando Pessoa! Não, não sabia o que fazer. Sentia as pernas tremerem, e, subitamente, teve medo de que aquilo fosse a derradeira encenação de sua morte, acompanhada pelo devido julgamento final. Que faria ela diante da platéia que se revelava? O que lhes dizer?

O som de uma voz amistosa veio como socorro: "Professora Dolores, tenho uma sugestão para a senhora dar início a seu discurso..." Era Gregório de Matos quem falava. "Por que não começa assim: Nasce o sol, e não dura mais que um dia,/Depois da luz se segue a noite escura... Mostre a essa turma o peso da efemeridade do tempo!" "Qual efemeridade! Liberdade, isto sim!" Sugeriu Castro Alves, com a cabeleira sacudida por um vento vindo não se sabe de onde. "Comece assim, professora", continuou ele: "O séc'lo é grande... No espaço/Há um drama de treva e luz./Como o Cristo - a Liberdade/Sangra no poste da cruz." "Não!" Gritou uma voz lá do fundo. Era Oswald de Andrade. "Deixemos de utopias. Revele-se a verdadeira Pátria. Use esses meus versos,

professora Dolores: Desde Bilac/Somos internacionalistas e portugueses júnior/Gostamos de Camembert, do Nilo, de Frinéia e de Marx". Olavo Bilac, de pé, gritou revoltado: "Ignorância Blasfêmia! Deixai que as palavras corram mundo sem os grilhões de nacionalismos complexados." Voltou-se, então, para a professora Dolores: "Ilustre professora, falai a esses novos mestres sobre o poder das palavras. Empresto-vos um soneto de minha autoria." E declamou:

PALAVRAS

*As palavras do amor expiram como os versos,
Com que adoço a amargura e embalço o pensamento:
Vagos clarões, vapor de perfumes dispersos,
Vidas que não têm vida, existências que invento;*

*Esplendor cedo morto, ânsia breve, universos
De pó, que um sopro espalha ao torvelim do vento,
Raios de sol, no oceano entre as águas imersos,
- As palavras da fé vivem num só momento...*

*Mas as palavras más, as do ódio e do despeito,
O 'não!' que desengana, o 'nunca!' que alucina,
E as do aleive, em baldões, e as da mofa, em risadas,*

*Abrasam-nos o ouvido e entram-nos pelo peito:
Ficam no coração, numa inércia assassina,
Imóveis e imortais, como pedras geladas.*

"Concordo." Gritou Cecília Meireles: "O papel aceita/o que os homens traçam ... /E a mão inimiga/como aranha estende/com fios de tinta/as teias da intriga." "Bonito, amigos."

- gritou um homem de óculos e de testa comprida – “Mas se é para falar da experiência do magistério, um só verso dirá o suficiente: No meio do caminho tinha uma pedra.” Daí em diante nada mais foi possível ouvir. A balbúrdia se instalou no auditório. Choviam sugestões, citações, xingamentos, aplausos... Vinícius de Moraes retrucou gritando em forma de versos: “Que importa se a distância estende entre nós léguas e léguas/Que importa se existem entre nós muitas montanhas?/O mesmo céu nos cobre/E a mesma terra liga nossos pés.” O apelo, entretanto, não foi ouvido. A professora Dolores, assustada e inerte, assistia àquele espetáculo sentindo vibrarem dentro de si todas as cordas de sua emoção.

Quando o barulho parecia ter chegado ao volume máximo, um estrondo gigantesco silenciou tudo. Era a porta do auditório que se abria violentamente. Um clarão dourado, vindo lá de fora, anunciou a entrada de uma pequenina borboleta amarela que passou a sobrevoar o auditório espalhando sobre todos um pó leve e brilhante até sumir pela mesma porta de onde surgira. Aos olhos de Dolores parecia cair sobre todas as cabeças um orvalho de ouro. O silêncio era total e absoluto.

Ao tocar as faces presentes, o pó fazia-lhes renascer a verdadeira identidade. E Dolores pôde voltar a ver pais, mães, padrinhos, madrinhas, amigos, alunas, alunos, companheiros de trabalho. Contudo, não os via da mesma forma. Sentia-se invadida por um sentimento que jamais experimentara. Em cada olhar, vindo do auditório, encontrava conforto e cumplicidade, como se conhecesse profundamente cada um dos presentes. Sabia-lhes as alegrias, as dificuldades econômicas, as expectativas, os sonhos não realizados, os amores complicados, as recordações, os medos. Visível estava para ela aquilo que fazia de cada pessoa um ser único, mas, ao

mesmo tempo, parte de algo maior, algo que dentro dela era razão e sentimento sem peso e sem medida numa vibração singular. Olhou para os companheiros de trabalho, chefes e colegas, e sentiu a mesma cumplicidade. Sim, todos, cada qual a seu modo, passavam pelo magistério colhendo mágoas e satisfações, desejo de ser fonte e desespero de, às vezes, descobrir-se totalmente seco. Virou-se para a turma de formandos. Nunca tivera, como naquele momento, a consciência da tessitura única de que era composta cada uma daquelas existências, com tudo que havia dentro de si, de belo ou não... Foi quando se lembrou do discurso. As quatro folhas, os mandamentos, tudo o que escrevera havia sumido. Numa folha solitária, ofereciam-se para a leitura apenas sete linhas, que a professora Dolores, com voz doce e calma, leu:

“Quis palavras com o brilho da melhor prata, mas o ouro do silêncio impôs-se completo e definitivo. Quis a verbo divino, contudo revelou-se minha limitação e fragilidade. Eis-me agora a desfrutar da maravilhosa incompletude e imperfeição humanas. Eis-me também agora movida pela força que coloca nossa incompletude e imperfeição em busca dos caminhos que precisam ser trilhados. O amor... Não fora o amor, sequer saberíamos distinguir pedra e atalho. Por tudo isso, se houver um mandamento, que seja o amor, aqui, adiante, mais adiante, sempre, porque, no amor, apesar de completamente diferentes e únicos, somos iguais.”

*Feito o discurso, fechou os olhos,
num descanso final e merecido.*

Retrato Número 10

Ouviu *A Banda* pela décima vez.
A chuva corria fina lá fora.
Não combinava. Absolutamente não combinava com o clima
da música.
Dançou. Depois, sentiu-se ridícula pela décima vez.
Ceguei. Chegaste.
A banda também chegara.
E partira como tudo parte,
Deixando a sorte num pedacinho da memória.
Acessar a memória.
Ligou o computador e entrou no site.
Oi, sou do Rio de Janeiro. E você?
De uma pequena cidade do interior do Brasil.
Ficou mudo.
Partiu.
Desligou o computador.
Vida desligada.
E a praça era só um restinho de esperança vislumbrada pela
única fresta
que a cortina mal fechada lhe oferecia.
Decidiu. É a hora da poesia épica.
E voltou para os livros querendo ser uma heroína.

O realejo

Chegou a uma pequena e isolada cidade do interior do Brasil uma senhora idosa e bastante simpática. Carregava consigo um realejo e se fazia acompanhar por um miquinho amestrado engraçadinho em seus trajes de bobo-da-corte medieval. D. Carlota (era o nome da senhora) logo se instalou na pequenina praça da cidade e, junto com seu companheiro, iniciou o trabalho que, segundo ela mesma, há anos fazia: vender ilusões.

Logo as crianças se interessaram pela novidade que a recém-chegada representava. E, não demorou muito, D. Carlota teve seus primeiros pequenos fregueses. De longe, podiam-se ouvir as melodias infantis que se repetiam de quando em quando e os sorrisinhos surpresos daquelas e daqueles que, das mãos de Afonso Henriques (o miquinho), recebiam seu “papelzinho da sorte”.

O prestígio de D. Carlota, porém, aumentou mesmo foi quando começaram a circular boatos sobre a precisão das sortes recebidas por alguns adultos mais curiosos que quiseram ouvir a “voz do realejo”. Incrivelmente, tudo que os tais papezinhos diziam tornava-se fato em pouquíssimo tempo. Assim, logo a freguesia de D. Carlota deixou de conter apenas os mais jovens (que, na verdade, não estavam muito interessados no futuro, pois gostavam mesmo era de brincar com Afonso Henriques), e ganhou senhoras e senhores, pais e mães, professores, professoras, comerciantes e funcionários públicos. Todos procuravam em D. Carlota a magia de verem realizados alguns sonhos. Devo dizer, é claro, que os tais

papezinhos, segundo depoimentos dos fregueses, não continham revelações de grandes fortunas ou curas milagrosas, mas singelas boas novas que, pela singeleza, tornavam a vida de cada um dos moradores mais agradável. Em vista disso, D. Carlota não despertou maiores interesses para pessoas cujos sonhos não cabiam naquele realejo. E ela, atendendo no máximo quinze pessoas por dia e cobrando módicos vinte centavos por cada sorte retirada, viveu em paz entre os moradores durante um bom tempo.

Um dia, porém, sem nada dizer, D. Carlota partiu. Ninguém soube, de fato, como ela o fizera, pois sequer embarcara no ônibus que duas vezes por semana, à tarde, partia para a capital. Chegaram mesmo a procurá-la nos arredores, verificar se alguém vira qualquer coisa suspeita, mas foi em vão. Nem o delegado conseguiu descobrir pistas de D. Carlota. Sumira. E, com ela, sumiram também os papezinhos que tanta alegria haviam trazido aos moradores da cidade.

A surpresa da partida de D. Carlota levou muitas pessoas a se reunirem na praça para comentar o fato. Falaram em raptos, homicídios, coisas do Além. Um pouco de tudo. De repente, uma moça tomou a palavra e se confessou aos conterrâneos: “Engraçado... Todos estão tristes, mas eu nem sei o que sentir, pois, na verdade, nas duas vezes em que tentei minha sorte, recebi apenas papezinhos em branco...”. Bastou aquele depoimento para que um verdadeiro disse-me-disse se instalasse na praça. Surpreendentemente, aos poucos, todos, com exceção das crianças, revelavam que o mesmo se passara com eles. O mais curioso foi constatar que a grande maioria, ao receber o papelzinho em branco, em lugar de questionar D. Carlota, imediatamente imaginava uma coisa boa e, como um milagre, a tal coisa acontecia. Houve, também, aqueles que, como a tal moça, nada imaginaram e, envolvidos nas

obrigações do dia, deixavam de lado o realejo. Até hoje, na cidade, os moradores se questionam sobre o caráter de D. Carlota. Seria ela uma trambiqueira ou uma feiticeira? Alguém teria dado sumiço em D. Carlota e no brejeiro Afonso Henriques?

As possíveis respostas para essas perguntas têm sido, até hoje, motivo para debates acalorados na praça.

Retrato Número 11

A morte e seus nove círculos.
Andava a pensar nela.
Teria direito a um guia?
Quem seria?
A vida fora tão solitária, esquecida em estantes...
Lembrou-se de Haroldo e o imaginou percorrendo labirintos
ora simétricos ora lúdicos.
Jamais dissera a ele: Te amo.
Jamais o ouvira dizer: Eu também.
Mas, que importância teria tudo aquilo?
O amor, como tantas vezes lera,
Era amaro.
Para ela,
amaro sem exceções.

A "excessão"

Todos nós temos nossos ídolos. Haroldo tinha o seu. E o encontrara na Faculdade de Letras. Na primeira aula ministrada pelo professor Campos, Haroldo sentira brotar o que se tornaria uma intensa admiração pelo mestre. Reservado, mas extremamente amável, mestre Campos fazia os alunos e alunas de Literatura Comparada viajarem conduzidos por suas palavras e conhecimento. De cada poema, de cada narrativa, extraía reflexões tão interessantes que todos pareciam assistir, dentro da sala de aula, ao movimento de expansão do universo. Egípcios, gregos, romanos, celtas, textos das mais diversas culturas brotavam vida no pequeno espaço da sala de aula e faziam uma harmonia tão bonita que, como diria José de Anchieta, "era para se louvar o Senhor".

Todavia, embora a admiração da turma pelo professor fosse fato, nenhum estudante do grupo poderia superar Haroldo na adoração ao mestre. Adoração que crescia discreta, guardada no espaço secreto do pensamento e do coração, mas revelada, através da conduta impecável de Haroldo, que cumpria todas as leituras e tarefas solicitadas pelo professor como se seguisse um ritual. Dedicava-se aos estudos com absoluta seriedade e, a cada resultado positivo obtido, sentia a satisfação do dever cumprido. Não havia livro ou artigo de mestre Campos que Haroldo não houvesse lido. Assim como

não havia, na conduta profissional e didática de Campos, qualquer senão que abalasse a admiração de Haroldo.

O trabalho mais difícil fora solicitado pelo professor no último período: comparar as epopéias “Divina Comédia”, de Dante, e “Paraíso Perdido”, de John Milton. Haroldo, como sempre, foi incansável nas leituras e pesquisas. Na data marcada, entregou ao mestre uma monografia promissora. Duas semanas após a entrega, mestre Campos devolveu aos alunos as monografias devidamente lidas e corrigidas. Campos costumava devolver os trabalhos de seus alunos e alunas acompanhados de um parecer cuidadoso sobre as idéias por eles e elas desenvolvidas e, por tal cuidado, criava nos estudantes a expectativa pela leitura das observações do mestre.

Haroldo recebeu sua monografia das mãos de Campos com emoção mal disfarçada: que lhe diria o mestre? A resposta foi uma nota máxima acompanhada de um longo texto, no qual Campos enumerava, um a um, os méritos do trabalho e do aluno. No entanto, a última linha reservava a Haroldo dolorosa surpresa. Nela, leu: “Registro, assim, minha admiração por você, caro Haroldo, cujos trabalhos sempre li com alegria e orgulho. Sem excessão.” Lívido, Haroldo soletrou mentalmente a última palavra do texto: E – X – C – E – S – S – ã – O. Não era possível! Não era verdade! E leu novamente a palavra e novamente os dois esses se ofereceram a seus olhos incrédulos. Exceção com dois esses? Como mestre Campos teria cometido tal equívoco? Como? Como entender que um profissional tão admirável pudesse ter-se esquecido de como se escreve a palavra “exceção”? Enquanto tal surpresa lhe atordoava, tratou de fechar o trabalho e guardá-lo, receando que os colegas insistissem em ler o texto que o mestre lhe havia escrito. Podia antever os “disse-me-disse” que brotariam de uma revelação

como aquela. Não olhou para mais ninguém. Silencioso, aguardou o final da aula e saiu às pressas em direção à proteção de sua casa. Recebeu dois telefonemas. Colegas estranhavam seu comportamento. Mas fechou-se mudo, incomunicável, sofrendo a angústia de não saber lidar com aquele fato.

Contemplava as letras bem desenhadas do professor, lembrava-se da fisionomia serena do mestre, em quem os cabelos brancos e as linhas marcadas em torno dos olhos jamais lhe haviam despertado outro sentimento que não admiração. Mas, agora, sentia pena. Pena e vergonha. Vergonha de sentir pena do mestre adorado. Pena de sentir vergonha daqueles dois esses incômodos e gritantes. Pensou em apagá-los e, imitando a caligrafia do professor, sobrepor-lhes o c e o cedilha, como se tirasse a mancha de um tecido fino. Mas tal atitude pareceu-lhe ainda mais vergonhosa. Guardou a monografia numa pasta azul e escondeu-a no fundo do armário como se protegesse a liberdade de um condenado.

Dali a dois dias, nova aula. Chegou atrasado pela primeira vez. Desconfortável, não conseguia se concentrar no que mestre Campos dizia. Ao contrário, vigiava-lhe o movimento da mão em direção ao quadro e torcia dolorosamente para que o professor, em novo equívoco, não revelasse à turma qualquer coisa parecida com aquela “excessão” com dois esses. E assim foi até o final do curso, sem que jamais o temível gesto acontecesse. Ensimesmado, embaraçado, ora pensando em procurar o mestre e lhe dizer do engano, ora se culpando por sentir tanto constrangimento por um equívoco tão inexpressivo diante de tudo aquilo que o mestre lhe dera, ora tendo a certeza de que os modos reservados de Campos não lhe davam a intimidade necessária para uma revelação tão embaraçosa, Haroldo viveu os dois últimos meses do curso sem conseguir se esquecer dos dois

esses e do constrangimento que sentira. Qualquer um que soubesse do ocorrido e das conseqüências, provavelmente lhe diria que estava a fazer um drama de algo sem importância, mas a verdade é que Haroldo não fazia drama, vivia, de fato, um. Seu sentimento pelo mestre era agora um bibelô de valor inestimável, mas quebrado. Cabia-lhe não deixar que o mundo percebesse a rachadura e a cola.

Terminado o curso, chegara a noite da formatura. Escolhido paraninfo pela turma, mestre Campos iniciava seu discurso de incentivo e despedida para aqueles e aquelas que lhe seguiriam os passos em direção ao magistério e à pesquisa. Haroldo aguardava ouvir as últimas palavras do mestre num misto de saudade antecipada e transtorno. Com sua habitual descrição, Campos leu o texto curto e delicado, fazendo a platéia repousar olhos e ouvidos no rendado musical feito de versos e sabedoria. Terminou a leitura dizendo: “Não ousarei dar conselhos a vocês, novas colegas, que recebo com alegria, pois o que sei da vida nem a mim me basta. Mas já que, diante de mim, a estrada se encurta, talvez lhes sirva saber a crença que até então me tem feito caminhar. Penso que a vida é um caminho que possui todas as cores do arco-íris. Contudo, ao final desse caminho, não creio haver um pote de ouro, mas uma pequenina e delicada balança, frágil na aparência, mas grandiosa na ciência de medir. Nela, também creio eu, defrontar-me-ei com o que em mim foi medida e desmedida; sabedoria e impaciência; generosidade e pedantismo. E, diante dela, alcançarei o conhecimento da diferença entre o dever ser, o querer ser, o poder ser e o não-ser. E é por acreditar no inequívoco encontro com essa balança, que tenho procurado receber o que me chega e o que me é negado com a mesma atitude silenciosa e calma. E também por isso, parece-me mais suave conduzir os passos dedicando a mesma tranqüilidade ao

erro e ao acerto, meus e dos outros, à regra e à exceção, seja esta a que vem marcar beleza no que é sombrio, seja a que vem macular o que era branco e diáfano. Caminhem com dignidade até a balança de vocês.”

Haroldo voltou para casa como se voltasse para a vida. E, depois daquele dia, fez da pasta azul não mais a depositária de um crime, mas o cofre da mais difícil lição que seu mestre lhe propusera.

E teria a vida inteira para realizá-la.

Retrato Número 12

Quem a ouviria?
O gás escapava silencioso pelas frestas da porta.
Os livros pegariam fogo?
Que mortos-vivos viriam para revelar os fracassos dela?
O humano era tão intangível e
incompreensível quanto as teorias de Lacan.
Tão insensível quanto o soldado amarelo.
Tão estúpido como Pietro Pietra.
Tão Bosch.

Curso Superior de Formação de Seres Humanos

Contam que, no final do século XX, Deus, cansada da inércia de apenas observar (muitas vezes, com espanto, é preciso dizer...) as atividades criativas da Humanidade, decidiu voltar à antiga prática da criação. Inspirada pela máxima tão perfeita de que nada se cria, tudo se copia, Deus chamou seu braço direito, São Pedro, e lhe contou a novidade:

— Pedro, precisarei de tua ajuda. Decidi criar, aqui no Céu, um Curso Superior!

A fisionomia de Pedro revelava a mais pura surpresa e o mais sério descrédito. No entanto, conhecedor da determinada personalidade divina, não arriscou um comentário mais contundente. Timidamente, apenas perguntou:

— Um Curso Superior? Por quê? E para que clientela, Senhora? Estais insatisfeita com o desempenho de vossos auxiliares e mensageiros? (Aliás, antes que vocês fiquem confusos, deixem-me esclarecer que, desde a virada do século XVIII para o XIX, Deus decidira abandonar a imagem clássica do senhor claro e barbudo e assumir a forma de uma senhora negra, robusta e, por que não dizer, bastante charmosa. Embora a Humanidade não pudesse ter acesso à sua nova imagem, Deus sentiu-se feliz de, em silêncio, realizar seu protesto e não mais se materializar seguindo a estética perversa de seus filhos. Pedro, nessa altura, já se acostumara

com a nova imagem e os decorrentes novos tratamentos: Senhora, Todo-Poderosa, etc. No entanto, como “Deus” era o nome de Deus, não houve, ali, necessidade de flexão de gênero. Não estranhem mais, portanto, os adjetivos femininos. É uma questão de concordância... Continuemos o diálogo.)

— Lê aqui, Pedro. Escrevi o nome do primeiro curso superior que oferecerei: Curso Superior de Formação de Seres Humanos! A Humanidade será a clientela!

— Mas, Deus, não são todos aqueles e aquelas, lá embaixo, seus filhos e filhas, seres humanos? Por que cursariam tal faculdade? Ou pretendeis disfarçar de humanos habitantes de outros planetas, e infiltrá-los na Terra? Já não há alguns desses por lá?

— Pedro, Pedro... presta atenção! Lê direito. Não notas alguma coisa diferente?

Pedro olhou para o texto divino, leu, releu... Porém, não conseguiu entender o que Deus dizia.

— Não, Senhora, não percebi.

— Ora, Pedro, não percebeste as maiúsculas??? Seres Humanos, Pedro, com as letras “s” e “h” maiúsculas. Seres humanos, com minúsculas, claro que todos lá embaixo já o são. A ciência que eles criaram afirma isso. Porém, amigo, sinto que já está na hora de eu dar uma ajuda à Humanidade... Formando alguns Seres Humanos, com maiúsculas, estarei espalhando novos mestres pela Terra. Quanto aos outros planetas, sabes que seus habitantes têm as próprias prioridades e projetos. Os seres humanos têm que aprender, uns com os outros, a crescer... Eu quero, apenas, dar uma nova ajudinha... Então, o que achas?

— Deus, Deus, Seres Humanos, com maiúsculas, não Vos parece coisa de raça superior? Tantos lá embaixo Vos trouxeram problemas graves com esse tipo de idéia... Pensais que não vos reparo o sofrimento quando lembrais de alguns dos passos cruéis da Humanidade?

— Até tu, Pedro? Então me achas capaz de uma iniciativa que sirva para segregar meus próprios filhos e filhas? O que desejo, Pedro, é fazer ver a eles e a elas que, contentando-se em serem e em viverem como seres humanos com minúsculas, deixam de descobrir, dentro de si, a grandiosidade que realmente têm. E pior, acreditando que, para isso, sempre precisarão competir entre si, o que leva os mais carentes de beleza, força física, conhecimento e dinheiro a condições sub-humanas de vida, acabarão destruindo de vez as sementes de amor ao próximo que lhes implantei no coração. Sabes muito bem, amigo, que a maior parte do presente que lhes dei continua ignorada, escondida. Nem a ida de meu Jesus, nem a ida dos outros filhos e filhas que envieí à Terra serviu para lhes mostrar integralmente o que está dentro deles e delas e precisa ser descoberto. As letras maiúsculas indicam a plenitude, amigo, não a discriminação. A maior qualidade do Ser Humano (com maiúsculas) será sua capacidade de se doar. Então, Pedro???

— Todo-Poderosa, acho que vamos ter muito trabalho por aqui. Mas... seja feita a Vossa vontade. Quereis que eu funde uma Faculdade, como outrora fundei uma Igreja? Como tudo deverá ser organizado? A quem será oferecido o curso? Que exigências faremos para a admissão? Não é uma discriminação oferecer curso superior, quando há tantos ignorantes e analfabetos no planeta que criastes? Vamos ter um vestibular divino? Oh, Deus...!! Oh, Deus...!! Quantas dúvidas!!!

— Você tem problemas com a linguagem, hein, Pedro? O curso é Superior porque foi gerado aqui em cima! Quem falou em Faculdade? Quem falou em Igreja? E eu lá iria discriminar meus filhos e filhas? Chega de materializar o divino na terra dos humanos. Vamos espiritualizar o humano na terra divina. Os muitos caminhos que deveriam levar a Deus estão se perdendo nas encruzilhadas da linguagem e nas barreiras da matéria.

Pedro ficou constrangido. Claro que Deus não proporia uma raça divina. Ô, boca, três vezes insensata, pensou Pedro, que continuou o diálogo:

— Perdão, minha Deus, porque sou insensato. Falai-me das vagas...

— O número de vagas será ilimitado. Quem quiser, poderá ingressar sem maiores dificuldades. A única exigência será que qualquer que seja a idade, nacionalidade, opção sexual, raça ou credo do candidato, este ou esta deverá ter, dentro do coração, intacta, ao menos uma pequena semente de amor ao próximo. Tu hás de concordar que, sem isso, jamais um ser humano tornar-se-á um Ser Humano, certo?

Pedro não disse coisa alguma, contudo, pensou nos seres humanos que não trazem mais a tal semente no peito... Deus, é claro, leu seus pensamentos, mas resolveu suspender o diálogo. Pedro, ao certo, recordar-se-ia de que, para os duros de coração, outros serão os caminhos para o crescimento. Ela e Pedro se puseram a trabalhar exaustivamente e, em uma semana, o Edital de divulgação do curso estava pronto para ser, literalmente, lançado aos quatro ventos.

Numa quinta-feira de janeiro, surgiu no céu uma espécie de flâmula gigantesca, feita de nuvens, na qual se podia ler, em todos os idiomas do planeta: “Todos os habitantes da Terra estão convidados a ingressar no primeiro curso superior oferecido por Deus: o Curso Superior de Formação de Seres Humanos. Exigência para o ingresso: ter no coração ao menos uma pequena semente de amor ao próximo. Número de vagas: ilimitado. Duração do curso: ilimitada. Início das aulas: fevereiro próximo. Acesso às nossas dependências: todos os candidatos e candidatas serão informados. Para se tornar candidato, basta desejar isso com sinceridade. Deus saberá das aptidões individuais. Prazo para as inscrições: dois dias. Em tempo, um aviso às alas capitalista e socialista: o curso será totalmente gratuito. No Reino de Deus, não há moeda, nem preços.”

Vocês podem imaginar o frenesi mundial. Tal qual Pedro previra, muita confusão iria acontecer no Céu, pois praticamente todos os seres humanos desejaram se candidatar. Os motivos foram muitos: curiosidade, desejo de exílio, crença no fim do mundo, amor a Deus, desejo de ter respostas para perguntas antiqüíssimas, espírito aventureiro, etc... Todavia, como a natureza humana é bastante complexa, e a mídia, um veículo decididamente voltado para complicar ainda mais as complicações mundiais, logo surgiram inquietações. E, com as inquietações, dúvidas e boatos. E com as dúvidas e os boatos, investigações. A Ciência absteve-se. A aparição da flâmula fora muito rápida. Como provar cientificamente alguma coisa nessa altura dos acontecimentos? Sábia foi Deus em dar um prazo tão curto.

A primeira dúvida fez com que 70% da população desistissem do intento: o sexo estaria proibido durante o curso? Já o primeiro boato fez com que outros 20% desistissem: aquilo tudo era truque americano. Utilizando-se de sua avançada tecnologia espacial, os Estados Unidos tentavam recrutar tolos para, como cobaias humanas, seguirem em expedições arriscadas pelo espaço afora...

Vieram outras dúvidas e boatos envolvendo cientistas, políticos, religiosos, artistas, jogadores de futebol, dólar, euro, coca-cola, estratégias de marketing, guerra nuclear, Bill Gates, Bin Laden e tudo o que se possa imaginar. Em síntese, ao final de uma semana, somente dez pessoas desejavam, realmente, freqüentar tal curso. Foram analisadas por equipes divinas. Todas tinham no coração a decantada semente e, por isso, estavam aptas a ingressar na escola celeste.

Deus, entretanto, ficou desapontadíssima. Sentiu-se uma vítima da globalização e do imperialismo norte-americano que, no final das contas, nada tinham a ver com o projeto divino. A parca clientela, porém, não fez Deus retroceder. O curso estava fundado. Iria começar assim mesmo.

Em fevereiro, somente as dez pessoas viram surgir no céu uma escada prateada, ladeada por anjos-guias. Sem que ninguém percebesse, cada uma delas, na região do planeta onde se encontrava, dirigiu-se à escada e subiu rumo à Escola Superior de Formação de Seres Humanos. Deus fez baixar sobre a Humanidade uma nuvem amnésica e o resto do mundo se esqueceu de tudo.

No Céu, o menino de rua brasileiro, a menina angolana mutilada e um velho índio cheio de queimaduras, que estavam entre os dez candidatos, foram separados do resto do grupo. Deus disse: “Antes de qualquer curso, estes três precisam de cuidados.” Enquanto os outros partiam em direção à Escola Superior, as duas crianças eram encaminhados às mais doces criaturas celestiais que, durante bastante tempo, ficariam responsáveis por alimentar, vestir, brincar e, principalmente, amar aquelas crianças. Figuras mitológicas vieram abraçar o índio e assumiram a função de tratar de sua saúde. Dizem que, enquanto recuperavam a saúde e a auto-estima, os três estavam sempre juntos. Na hora certa, uma avaliação divina determinaria o momento de serem encaminhadas à Escola.

Os outros sete graduandos tiveram suas identidades protegidas. A Deus, como Ela mesma afirmara a Pedro, não interessava sua procedência, credo, raça, opção sexual. Queria-os pelo que eram enquanto energia amorosa e determinação para crescer. E, como Deus não desejou que aquelas pessoas fossem reveladas, nem os contadores dessa estória podem saber quem são ou foram esses estudantes... Posso, sim, por exemplo, dizer-lhes da emoção que essas pessoas sentiram ao conhecerem o corpo docente da instituição divina. Num belo e aconchegante auditório celestial, encontravam-se perfilados, esperando por seus discentes, os professores Buda, Sócrates, Jesus, Martin Luther King, Joana D’Arc, Gandhi, Francisco de Assis, Madre Teresa, Madalena, Policarpo Quaresma, Dom Quixote, Oliver Twist, Godot, entre muitos outros. Contemplar esses mestres já era

uma forma de aprendizagem. Eram todos tão belos em sua simplicidade! Houve uma fraternal reunião e teve início o Curso Superior divino.

O que os sete aprenderam? Se aprenderam, ou não? Se ainda estão por lá, ou se vieram estagiar aqui embaixo? O que é realmente ser um Ser Humano com maiúsculas? Ah... estas são perguntas para as quais jamais haverá uma resposta única. É fácil supor a qualidade do que lhes foi transmitido. É igualmente fácil imaginar a doçura e a sabedoria daqueles docentes. Mas, e as avaliações? E os estágios? E as dificuldades? Mistério.

De minha parte, ouço e conto essa história motivada não por perguntas e possibilidades de respostas, mas pela esperança de que o plano divino tenha se concretizado. Esperança de que o curso celestial já tenha espalhado pelo planeta muitos e muitas aprendizes, cuja maior sede seja a de saber ser um Ser Humano com maiúsculas. Porque gente assim contagia a vida de alegria, fé e respeito. Gente assim cura feridas, gera futuro, preenche lacunas, consola e ressuscita. Gente assim não carrega bandeiras, porque a verdadeira bandeira não está em nossas mãos, está em nossa alma. Gente assim faz de um trabalho miudinho uma realização tão importante, tão importante, que às vezes só Deus fica realmente sabendo.

Porque não importa que os seres beneficiados por esse trabalho saibam de sua importância. É preciso que eles vivam essa importância e, exemplos vivos, tornem-se os mais eficazes mensageiros desses pequenos grandes sucessos.

Último retrato

Escreveu, às tontas, o último conto.

Amor, desamor. Solidão, companhia. Miséria, fortuna. Paixão,
desinteresse.

Erotismo, inapetência. Corpo, alma. Silêncio, grito. Violência,
carícia.

Sossego, desassossego. Confiança, desconfiança. Lealdade,
traição.

Beleza, feiúra. Liberdade, clausura. Seriedade, deboche.
Ironia, ingenuidade.

Visão, cegueira. Palavra, silêncio. Amigos, inimigos. Fatura,
privação.

Cristãos, pagãos. Deuses, demônios. Crenças, descrenças.

Culpa, inocência. Siso, loucura. Água, fogo. Terra, ar.

Primavera, Outono. Verão, Inverno. Aquário, Escorpião.

Romantismo, realismo. Razão, emoção. Lira e anti-lira.

Livros, anti-livros. Música, anti-música. Pintura, anti-pintura.

Antíteses sem fim.

Até o fim

paradoxal.

Teve todos os mestres e não viveu.

Fora, talvez, a única perdedora no mundo dos campeões.

